

ana **blimunda**

pez **little**  
**jack**  
**horner** **sandro**  
**william**  
**junqueira:**  
**a oficina**  
**do escritor**

**dias do**

**desse**

**ossejo**

**lisboa e a encarnação**  
**de um heterónimo**

3

**Editorial**  
**Dias do Desassossego:**  
**juntar esforços**  
**e vontades**

5

**Leituras**  
Sara Figueiredo Costa

10

**Estante**  
Andreia Brites  
Sara Figueiredo Costa

15

**Little Jack Horner**  
Peter Kalu

23

**Sandro William**  
**Junqueira: na**  
**oficina**  
**do escritor**  
Sara Figueiredo Costa

33

**A Casa da Andréa**  
Andréa Zamorano

39

**Dias do**  
**Desassossego'17**

48

**Ana pez e**  
**O Meu Irmão Invisível**  
Andreia Brites

66

**And The winner Is...**  
Andreia Brites

68

**Espelho Meu**  
Andreia Brites

72

**Saramaguiana**  
**Lisboa e a encarnação**  
**de um heterónimo**  
César António Molina

87

**Agenda**

# Serão

pouquíssimas as cidades que têm o privilegio de ter dois embaixadores com a dimensão de Fernando Pessoa e José Saramago. Embora não tenham nascido em Lisboa, ambos chegaram à capital muito cedo e passaram toda a infância e adolescência à beira do Tejo. Nela viveram não só a maior parte das suas vidas como também fizeram dela personagem de alguns dos seus romances e poemas.

A vontade de homenagear os dois autores e trazer a Lisboa um programa que girasse em redor dos livros foi o motor que levou, em 2014, a Fundação José Saramago e a Casa Fernando Pessoa a unirem esforços e juntarem vontades para realizar os Dias do Desassossego. Desde então,

## **Dias do Desassossego: juntar esforços e vontades**

anualmente, entre os dias 16 (data do nascimento de Saramago) e 30 de novembro (data que assinala a morte de Fernando Pessoa), a música, a leitura, a arte urbana e outras formas de expressão ocupam a programação criada pelas duas Casas.

Com a realização da quarta edição dos Dias do Desassossego, algumas ideias começam a ficar mais claras. A primeira é que ao organizar um ciclo como este a Fundação José Saramago não só abre as portas para um público diferente daquele que habitualmente frequenta a Casa dos Bicos, mas também tem a oportunidade de sair para conhecer outros espaços da cidade e trabalhar em conjunto com outros grupos. Outra intuição que se confirma é a de que, por se tratar de um projeto que envolve muita gente e meses de trabalho, cria-se um vínculo que vai além das duas semanas do ciclo, com mais de uma centena de criadores e intérpretes envolvidos, muitos deles tendo voltado já a trabalhar com a CFP ou a FJS noutros projetos. Por fim, podemos dizer, com orgulho, que destes dias resultou já um legado de peças (musicais, artísticas, intelectuais) que foram produzidas para e durante o nossos Dias do Desassossego. São resultado da união entre as duas casas e têm como origem a genialidade de dois dos maiores autores de língua portuguesa.

Blimunda 66  
novembro 2017  
DIRETOR  
Sérgio Machado Letria  
EDIÇÃO E REDAÇÃO  
Andreia Brites  
Ricardo Viel  
Sara Figueiredo Costa  
REVISÃO  
Rita Pais  
DESIGN  
Jorge Silva/silvadesigners



Fundação José Saramago  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
1100-135 Lisboa – Portugal  
[blimunda@josesaramago.org](mailto:blimunda@josesaramago.org)  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)  
N. registo na ERC 126 238  
Os textos assinados  
são da responsabilidade  
dos respetivos autores.  
Os conteúdos desta publicação  
podem ser reproduzidos  
ao abrigo da Licença  
Creative Commons

# FUNDAÇÃO JOSÉ SARAMAGO THE JOSÉ SARAMAGO FOUNDATION CASA DOS BICOS



Onde estamos  
Where to find us  
Rua dos Bacalhoeiros,  
Lisboa  
Tel: (351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)  
[info.pt@josesaramago.org](mailto:info.pt@josesaramago.org)

COMO CHEGAR  
GETTING HERE  
Metro Subway  
Terreiro do Paço  
(Linha azul Blue Line)  
Autocarros Buses  
25E, 206, 210, 711, 728, 735,  
746, 759, 774, 781,  
782, 783, 794

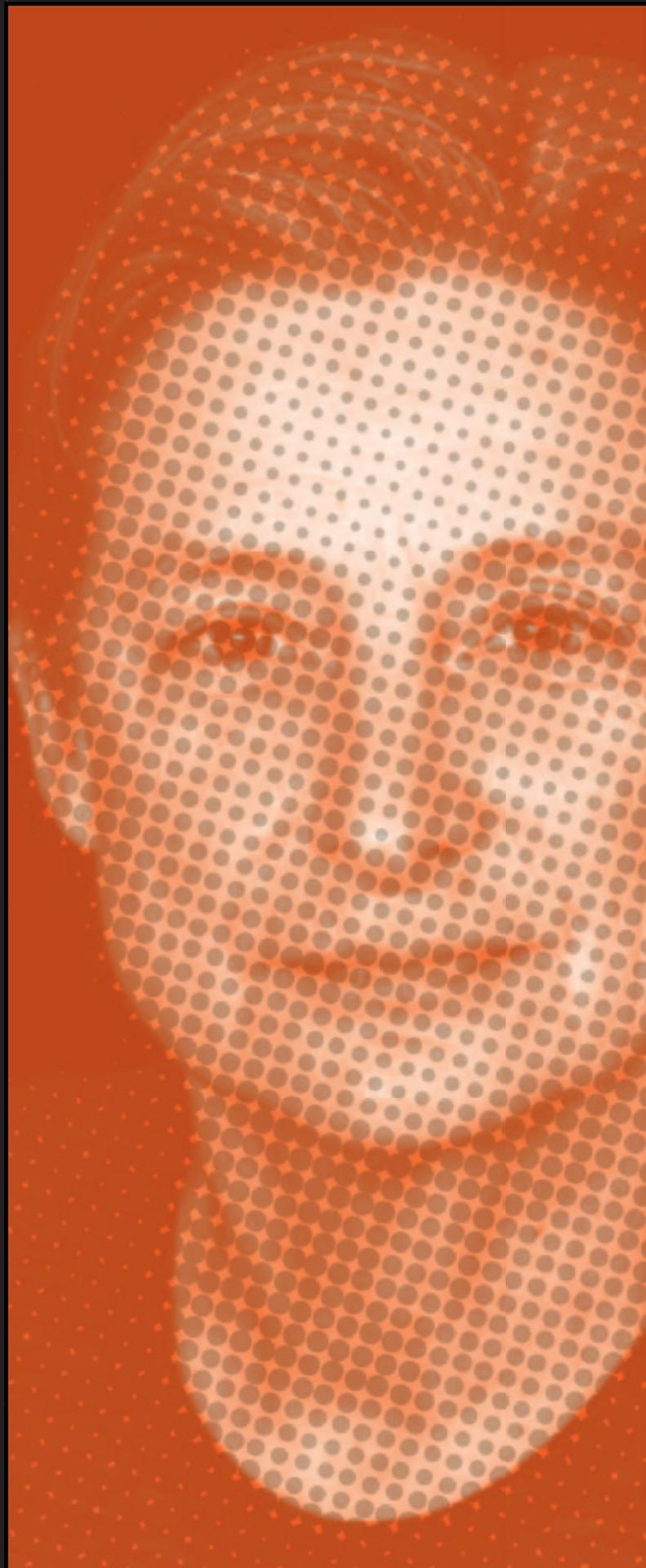
Segunda a Sábado  
Monday to Saturday  
10 às 18h 10 am to 6 pm

# leituras do mês

SARA FIGUEIREDO COSTA

## JUDITH BUTLER NO BRASIL A AMEAÇA DO ÓDIO

Judith Butler esteve recentemente no Brasil, para participar num seminário sobre democracia, e a sua presença no país gerou uma série de manifestações de ódio por parte de alguns setores ultra-conservadores da sociedade – convencidos de que a autora iria fazer uma palestra sobre género, algo que nunca esteve programado. Para além das manifestações, que assumiram o ataque pessoal como regra (insultando a autora, queimando a sua efígie, lançando ameaças), houve um abaixo-assinado para proibir a presença da autora no país e Judith Butler chegou mesmo a ser atacada por manifestantes no aeroporto de São Paulo. No jornal *Folha de São Paulo*, a filósofa norte-americana escreve sobre essa experiência, as questões de género e aquilo que ela pode significar num momento em que os discursos de ódio ganham espaço por entre o debate político. «(...) havia desde o início uma palestra imaginada ao invés de um seminário real, e a ideia de que eu faria uma apresentação, embora eu estivesse na realidade organizando um evento internacional sobre populismo, autoritarismo e a atual preocupação de que a democracia esteja sob



ataque. Não sei ao certo que poder foi conferido à palestra sobre gênero que se imaginou que eu daria.

Deve ter sido uma palestra muito poderosa, já que, aparentemente, ela ameaçou a família, a moral e até mesmo a nação.»

Sobre a teoria que defendeu em *Problemas de Gênero* (publicado no Brasil pela Civilização Brasileira e em Portugal pela Orfeu Negro), Judith Butler diz o seguinte: «Nossas ideias de masculino e feminino variam de acordo com a cultura, e esses termos não possuem significados fixos. Eles são dimensões culturais de nossas vidas que assumem formas diferentes e renovadas no decorrer da história e, como atores históricos, nós temos alguma liberdade para determinar esses significados. Mas o objetivo dessa teoria era gerar mais liberdade e aceitação para a gama ampla de identificações de gênero e desejos que constitui nossa complexidade como seres humanos. Esse trabalho, e muito do que desenvolvi depois, também foi dedicado à crítica e à condenação da violação e da violência corporais. Além disso, a liberdade de buscar uma expressão de gênero ou de viver como lésbica, gay, bissexual, trans ou *queer* (essa lista não é exaustiva) só pode ser garantida em uma sociedade que se recusa a aceitar a violência contra mulheres e pessoas trans, que se recusa a aceitar a discriminação com base no gênero e que se recusa a transformar em doentes e aviltar as pessoas que abraçaram essas

categorias no intuito de viverem uma vida mais vivível, com mais dignidade, alegria e liberdade.»

Mais adiante, a autora fala abertamente sobre os momentos que viveu no Brasil e o modo como eles ilustram um discurso e uma atitude marcados pelo ódio: «Embora apenas minha efígie tenha sido queimada, e eu mesma tenha saído ilesa, fiquei horrorizada com a ação. Nem tanto por interesse próprio, mas em solidariedade às corajosas feministas e pessoas *queer* no Brasil que estão batalhando por maior liberdade e igualdade, que buscam defender e realizar uma democracia na qual os direitos sexuais sejam afirmados e a violência contra minorias sexuais e de gênero seja abominada. Aquele gesto simbólico de queimar minha imagem transmitiu uma mensagem aterrorizante e ameaçadora para todos que acreditam na igualdade das mulheres e no direito de mulheres, gays e lésbicas, pessoas trans e travestis serem protegidos contra violência e assassinato. Pessoas que acreditam no direito dos jovens exercerem a liberdade de encontrar seu desejo e viverem num mundo que se recusa a ameaçar, criminalizar, patologizar ou matar aqueles cuja identidade de gênero ou forma de amar não fere ninguém. (...) Talvez o foco em "gênero" não tenha sido, no final, um desvio da pergunta de nosso seminário: quais são os fins da democracia?»



### 45,8 MILHÕES ESCRAVIZADOS NO SÉC. XXI

Na semana em que o canal televisivo norte-americano CNN mostrou imagens de um leilão de seres humanos na Líbia, o site Buala republica um artigo de Alexandra Lucas Coelho, originalmente publicado no Sapo, sobre a escravatura e o facto de esta não ser um assunto arrumado, apesar de todas as tentativas de a vermos como um facto histórico arrumado no passado. Os dados confirmam exatamente o contrário: «As imagens da CNN mostram o que geralmente não é filmado, e têm grande poder de circulação. Mas a escravatura atual está longe de se resumir aos leilões na Líbia. O relatório do Global Slavery Index 2016 contabiliza 45,8 milhões de pessoas escravizadas em todo o mundo. Por escravizadas entende-se: trabalho forçado, casamento forçado, exploração sexual e trabalho imposto pelo estado. Mais de metade destes escravizados (58 por cento) vivem em cinco países asiáticos: Índia, China, Paquistão, Bangladesh e Uzbequistão. Em termos absolutos, a Índia é, de longe, o país do mundo com mais escravizados: acima de 18 milhões. Em termos relativos, quanto à percentagem de população escravizada, a Coreia do Norte está em primeiro lugar. Depois da Ásia, a África é a parte mais significativa deste horror, com vários países nos 10 primeiros lugares, quanto a percentagem de população escravizada. Como o índice sublinha, muitas destes cativos contemporâneos, sobretudo na Ásia, são a mão de obra de produtos depois comercializados

na Europa, nos Estados Unidos, no Japão ou na Austrália.» Mais adiante: «E a escravatura continuar a existir hoje, querer combatê-la, é mais uma razão — e não menos uma razão — para enfrentar de facto o que aconteceu há séculos, reconhecendo uma continuidade histórica de abuso e violência. No caso particular de Portugal, o que aconteceu entre os séculos XV e XIX. Se o império português foi a maior potência escravagista do Atlântico durante vários séculos, essa memória tem de ser tributo e ação no presente. Não se trata de perder tempo com o tempo que já lá vai, quando o presente nos convoca para vidas em perigo. É também por essas vidas em perigo agora, essa desumanização brutal, que as crianças devem receber na escola uma imagem mais completa e justa do que aconteceu durante a expansão marítima portuguesa, terem acesso à escala: 5,8 milhões de pessoas escravizadas, tiradas de África, pelo império português. Tal como os políticos têm de integrar isto nos seus discursos de louvação à empreitada marítima. Tal como a cidade de Lisboa tem de reconhecer a existência destes milhões de pessoas junto aos monumentos glorificadores das navegações. Tudo isso junto é presente e futuro, é dignificação dos retirados da história, é tributo aos netos dos escravizados, é política aqui e agora, relevante para todos os que vivem juntos, de todas as cores e tons. Dará força a quem está vivo hoje, sobretudo aos que diariamente são alvo de indignidades, discriminação.»



### DITADURA NO BRASIL NAS CHAMAS DA CENSURA

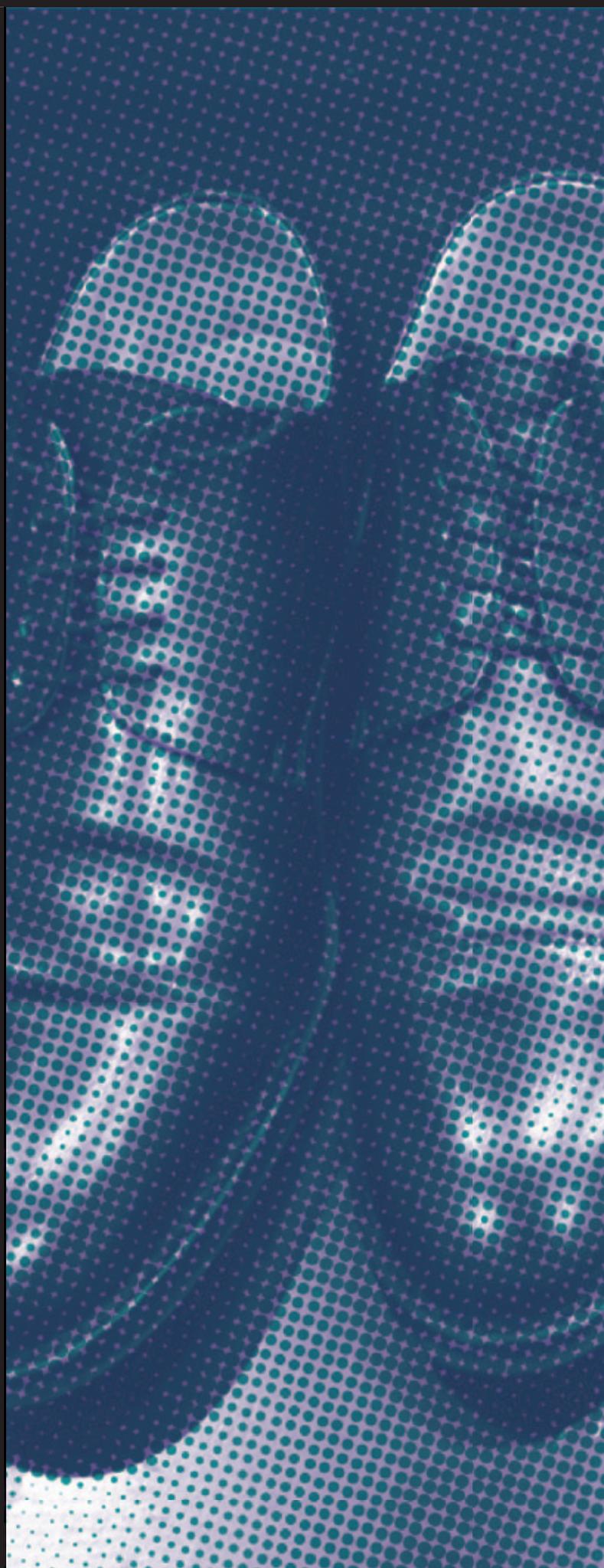
O historiador brasileiro Lucas Pedretti encontrou provas documentais de uma das ações regulares da Censura brasileira durante a ditadura, a queima de livros, discos, filmes e outros objetos que o regime pretendia fazer desaparecer. Pedretti pesquisava no Arquivo Nacional, no âmbito da sua tese de mestrado sobre a repressão a bailes de soul music no Rio de Janeiro dos anos 70, quando encontrou a documentação, como se pode ler num artigo da revista *Piauí*: «“Os documentos são a comprovação cabal de que, além de proibir a publicação e a circulação de livros, a ditadura militar brasileira também os queimava usando fornos de aeroporto e de empresas privadas. Em alguns casos, ainda os transformava em pastas de papelão”, citou Pedretti, enquanto mostrava a documentação a uma de suas professoras, a historiadora Luciana Lombardo, especialista em estudos sobre a censura no Brasil, num café do Largo do Machado, no Rio de Janeiro. “Como os documentos disponíveis no Arquivo Nacional representam uma parcela ínfima do que foi efetivamente produzido, é provável que tenham sido muitos mais”, completou.» Para além da regularidade da destruição de livros, discos e filmes durante a ditadura, o historiador confirmou igualmente que essa prática se manteve mesmo nos anos finais do regime, quando já se preparava a transição para

a democracia: «“É outro dado que chama atenção: há autos de destruição que datam de fins de 1987 até 1988. Ao mesmo tempo que as discussões da Constituinte evoluíam, livros continuavam sendo queimados. Nesse caso, é possível imaginar que a Censura, sabendo que um regime democrático estava prestes a ser instalado, procedeu à destruição e queima de materiais apreendidos em seus galpões”, arrisca Pedretti, lembrando que esses lotes citados nos documentos eram resultados de apreensões feitas em distribuidoras, editoras e emissoras de tevê. “A informação contrasta com as narrativas que tentam afirmar que a ditadura teria terminado em 1979, por exemplo. A Nova República nasceu sob o signo da queima de livros. Para uma democracia, é uma marca difícil de apagar. Pensando de forma mais ampla, isso mostra que o fim da nossa ditadura não inaugurou um processo de reformas institucionais, prestação de contas e transparência, pelo contrário: velhas práticas se reafirmaram, e no lugar de investigações e pedidos de perdão por parte do Estado, tivemos o silêncio”, analisa o historiador, que pretende levar a pesquisa adiante.»



### **CAMINHANDO EM SEUS SAPATOS VER O MUNDO COM OS OLHOS DO OUTRO**

Na última edição do Thames Festival, um museu temporário ganhou forma em Londres, baseado nas ideias do pensador Roman Krznari. Agora, esse museu chega ao Brasil, ao Parque do Ibirapuera, em São Paulo, acompanhado da instalação *Caminhando em Seus Sapatos*. «O projeto tem como objetivo desenvolver a empatia das pessoas e fazê-las enxergarem o mundo com os olhos dos outros. Através de experiências sensoriais e situações de diálogo e conexão entre os indivíduos, a empatia é explorada, mostrando que através dela é possível melhorar as relações, inspirar mudanças de atitude e até contribuir para enfrentar desafios globais como preconceitos, conflitos e desigualdade», lê-se no site *Razões Para Acreditar*. Os visitantes da instalação e do museu são convidados a escolher um dos muitos pares de sapatos disponíveis e a experimentar, até onde isso é possível, viver um pouco a vida de outra pessoa, criando-se, deste modo, mecanismos de empatia que permitem refletir sobre preconceitos, dificuldades, modos de ver. No site, podem ler-se alguns dos depoimentos a que os visitantes do Museu têm acesso.





## ***BOA NOITE!***

**Pierre Pratt**  
**Orfeu negro**

Uma narrativa absurda tem um início de extrema banalidade: a chegada a casa do mais comum dos mortais, o senhor Silva. Não fossem os 96 andares e tudo estaria na maior das conformidades. Daí para a frente o que se sucede conjuga a lógica da norma com a estranheza. A surpresa máxima vem, claro está, no final e com ela espera-se no mínimo um sorriso. À ilustração sem contorno e à paleta ampla de cores do início dá lugar uma contenção da intimidade cuja imagem se vai repetindo parcialmente criando um efeito de movimento. **AB**



## ***FILOSOFAR E MEDITAR COM AS CRIANÇAS***

**Frédéric Lenoir**  
**Arena**

Neste livro o autor explicita a sua metodologia na realização de ateliers de filosofia com crianças recorrendo a uma base teórica e muito à prática com os grupos. Depois de elencar dez recomendações para o funcionamento dos ateliers transcreve parte dos diálogos nos vários grupos em que refletiram sobre a felicidade, o amor, a amizade, a violência ou a mortalidade, e outros tópicos. É um testemunho essencialmente prático e revelador do pensamento infantil quando estimulado para pensar. **AB**



## **TRÊS AMIGOS E UM DESEJO**

**Benedita de Albuquerque  
João Bacelar  
Oficina do Livro**

Neste livro ilustrado três amigos caem na tentação da vaidade e veem-se obrigados a passar por três provas que, sem saberem, lhes vão garantir o regresso à sua condição inicial. Fábula com contornos de conto tradicional, a narrativa constroi-se em torno da moral: vaidade e solidariedade são as duas faces da moeda. A ilustração caracteriza os protagonistas — o leão, o tigre e a chita — e todos os outros animais com quem se cruzam, culminando com a guarda final, que realça o poder da entreaajuda como mensagem principal do conto. **AB**



## **CARTAS BRASILEIRAS**

**Sérgio Rodrigues (org.)  
Companhia das Letras**

Oitenta cartas selecionadas entre a epistolografia privada de várias personalidades da história brasileira. Entre confissões, ameaças, intrigas e declarações de amor, há de tudo no volume organizado por Sérgio Rodrigues, que configura um olhar muito particular sobre alguns episódios fundamentais da história do Brasil. Entre os autores de missivas encontram-se D. Pedro I, Chico Buarque, Santos Dumont ou Elis Regina. **SFC**



## **ANTOLOXÍA DA POESÍA GALEGA PRÓXIMA /**

**María Xesús Nogueira (org.)  
Chan da Pólvora /  
Papeles Mínimos**

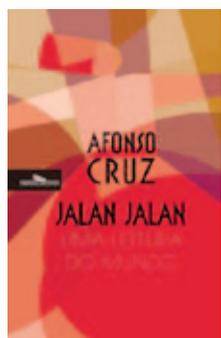
Desde a década de 90 que várias editoras vêm publicando antologias bilingues da produção poética galega, prosseguindo uma tradição que, em edições apenas em galego, já vinha de trás. Agora, María Xesús Nogueira assina a recolha mais recente, composta por poetas até aos 35 anos, alguns deles prometendo assegurar com mão firme a criação poética galega nas próximas décadas. **SFC**



## **LÁ FORA COM OS FOFINHOS**

**Mariana Pitta  
Chili Com Carne/  
Panda Gordo**

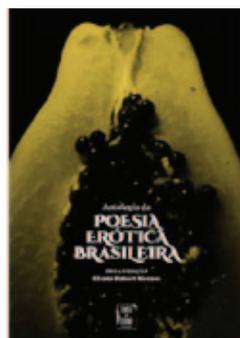
Uma das mais recentes edições de banda desenhada da Chili Com Carne, desta vez em parceria com a Panda Gordo, reúne trabalhos curtos de Mariana Pitta, editados em suportes e publicações diversas entre 2013 e 2017. Uma boa definição do trabalho desta autora é feita por Joana Estrela, também ilustradora e autora de banda desenhada, que diz que «Mariana Pitta transforma o ordinário em extraordinário». **SFC**



## **JALAN JALAN**

**Afonso Cruz**  
**Companhia das Letras**

Novo livro de Afonso Cruz, quase a chegar às livrarias. Um excerto: «Apesar da beleza da paisagem, dos campos de arroz, do verde omnipresente, dos templos hindus, dos macacos zangados, uma das melhores coisas que trouxe de Bali foi uma oferta do João, que me embrulhou e ofereceu uma palavra, talvez duas: Jalan significa rua em indonésio, disse-me. Também significa andar. Jalan jalan, a repetição da palavra, que muitas vezes forma o plural, significa, neste caso, passear. Passear é andar duas vezes.» **SFC**



## **ANTOLOGIA DA POESIA ERÓTICA BRASILEIRA**

**Eliane Robert Moraes (org.)**  
**Tinta da China**

São mais de 170 poemas de autores, épocas e contextos muito diferentes, traçando um percurso despudorado pela poesia erótica brasileira, desde os século XVII até aos nossos dias. Carlos Drummond de Andrade, Hilda Hilst, Danton Trevisan, Olavo Bilac ou Gilka Machado são alguns dos autores incluídos neste volume, uns mais explícitos do que outros, todos dedicados ao que pode passar-se entre lençóis (e fora deles, nos mais improváveis sítios...). **SFC**

Exposições  
livraria  
biblioteca  
auditório

Terça a sábado  
Abr a Set —  
10h às 13h /  
15h às 19h  
Out a Mar —  
10h às 13h /  
15h às 18h

# NASCI NA AZINHAGA SENTIMENTALMENTE SOMOS HABITADOS POR UMA MEMÓRIA



10  
ANOS  
YEARS  
ANDS



Fundação  
José Saramago





Little

Jack

peter kalu

hormer

No dia 7 de novembro o auditório da Fundação José Saramago acolheu uma conversa entre Peter Kalu e Jacob Ross, duas vozes do género policial na literatura britânica. O encontro estava inserido numa série de atividades organizadas pela Speaking Volumes, organização que trabalha para que autoras e autores negros, asiáticos e de outras minorias étnicas tenham mais visibilidade no universo da literatura em língua inglesa. Entre o trabalho que desenvolvem está a publicação do catálogo *Breaking Ground: Celebrating Writers of Colour* e a realização de debates, em vários países, para promover a literatura britânica plural. Na FJS, à mesa com Kalu e Ross estava a jornalista e tradutora Carla Fernandes, autora da tradução que a *Blimunda* publica a seguir de um capítulo de *Little Jack Horner*, de Peter Kalu. Na seguinte edição da revista será publicado um capítulo de *The Bone Readers*, de Jacob Ross.

## Capítulo 12

### *Como obter um carro*

A manhã de quarta-feira estava desagradável: ventania e trovoada. Ele foi direto à primeira morada. O Greg já lá estava e o Delroy disse-lhe que tinha de ir a um funeral, e perguntou-lhe se ele podia substituí-lo, ele estaria de volta às quatro da tarde? O Greg murmurou um OK.

Será que ele acreditou? Delroy tinha de acreditar.

Apanhou o comboio para Wolverhampton. Olhou pela janela do comboio. Nuvens a flutuar como uma camada de sujidade sobre a represa de um rio, a apoiar-se no céu, pronta a descambar em torrentes sobre os telhados abaixo. O comboio continuava em força. Por detrás das nuvens uma luz fraca lutava, como uma lanterna com uma bateria meio carregada. Eventualmente a chuva caiu em torrente, rachando a carruagem do comboio, rebentando com o telhado.

Delroy moveu-se no banco, desconfortável. Parecia que as companhias ferroviárias estavam a competir umas com as outras para ver quem conseguia fazer as cadeiras mais estreitas, mais sem graça e com menos espaço entre si para as pernas. Ele tinha-se espremido para um assento de corredor, porque assim ainda podia esticar as pernas mesmo que alguém se sentasse ao seu lado. Na janela do lado contrário ao corredor uma reflexão, ele estava sempre no corredor, pensou. Sentiu-se exausto. Algo pesado, que ele não conseguia agarrar, pairava sobre ele, agitação de fantasmas que preferia não ter despertado. Estava todo vestido de preto. Tinha sido para se disfarçar perante o Greg. Porque o que ele estava prestes a fazer, poderia não ser perfeito, pensou; não queria parecer muito mafioso. Pescou o seu colar de prata do bolso do casaco e colocou-o e depois olhou para o seu reflexo na janela do comboio. A corrente sobressaía em contraste com o negro fúnebre da sua camisa. Uma figura de gangster desgastado olhava de volta para ele. Tirou a corrente.

# little jack horner

Este trabalho tinha-o sugado. Agora estava prestes a sugar a última gota do seu dinheiro. Ele não tinha contactado a família Amin ou Wasif porque não havia nada com que contactá-los. Será que o Meadows era cauteloso ou intransigente? Agora não interessava. Se uma montanha não podia ser movida, teria simplesmente de ser contornada.

À medida que o comboio se aproximava mais do sul o tempo ficava mais tranquilo. Ele tinha visitado Wolverhampton há anos para ver amigos, velhos amigos do exército. Ficou tentado a fazer uma visita surpresa a um ou dois deles mas o tipo de pessoas do exército são inquietas e por estas alturas já se teriam mudado, ou estariam num posto no estrangeiro para o qual teriam sido destacados ou simplesmente teriam mudado de casa. Para além disso, quem é que gostava desse tipo de surpresas hoje em dia? Quando finalmente saiu na estação de Wolverhampton, utilizou o seu mapa para descobrir o caminho até ao seu destino pela cidade, surpreendido com as mudanças que viu. Era uma daquelas cidades bonitas-feias. E tinha-se tornado igualmente mais feia e mais bonita. Ele não ficava a olhar ao redor, não era turista e não queria ter um perfil no circuito fechado de televisão da cidade. Verificou o mapa e continuou.

Numa rua perto de um McDonald's nos arredores do sul de Wolverhampton, estava a zona em expansão de carros usados chamada Wolverhampton National – os melhores leilões de carros. Delroy ficou do lado oposto da estrada e admirou todo o metal e vidro brilhantes. Era lá que os leilões oficiais estavam a acontecer. Do seu lado da rua estavam os carros de freelancers, estacionados de nariz a nariz e prontos para a venda, todos com números de telemóveis rabiscados em tiras de papelão no tablier. De para-choques em para-choques, estes veículos menos mimados encontravam-se ao longo da estrada, por cerca de um quarto de milha, saltando aqui e ali as bermas de relvado e por debaixo de cartazes publicitários. Delroy andou ao longo da estrada até encontrar o mais próximo do que desejava. Um carro com matrícula dos anos 1990, um modelo antigo Ford Mondeo. Estava entalado em três quartos do pavimento e os pedestres tinham de se esfregar nele para passar. Ele olhou para o relógio.

# little jack horner

13h16. Achou que centenas de pessoas teriam tocado nele ao passar; e até hoje uma dúzia de potenciais consumidores teriam entrado no carro e segurado no volante enquanto liam a quilometragem. Gostou da ideia. Digitou o número de telemóvel que estava no para-brisas.

Um "Dennis" respondeu, disse-lhe para esperar, que lhe faria um bom negócio e apareceu ao seu lado dois minutos depois da chamada. O "Dennis" tinha olhos rápidos e uma mão quente e ossuda; o seu nariz tinha marcas cor-de-rosa dos dois lados onde, uma vez, os óculos haviam descansado. Ele parecia descarnado e cinzento, era provavelmente dos Balcãs, pelo menos albanês, talvez numa missão de fazer algum dinheiro ganho com suor e enviá-lo para casa rapidamente. Ele usava uma camisola de lã preta de fecho de correr com um tamanho acima do seu e calças de mistura de algodão azuis-claras, manchadas nos tornozelos com lama.

— Tem um livro de registo? Perguntou Delroy.

O "Dennis" sorriu. — Aqui? Nada de livros de registo. Há livros de registo. "Dennis" apontou para o lado de leilões Wolverhampton National.

Para compradores comuns, não haver livro de registos era mau, mas não para Delroy. Ele ajeitou as luvas e olhou ao redor do carro um pouco mais, levantou o capô.

— ... Aprovado pelo AA, acrescentou 'Dennis'.

Delroy olhou para ele com uma sobrancelha levantada.

— Armados Anónimos.

— Desculpe?

— Desculpe. É uma piada privada.

Talvez ele parecesse um ladrão armado, pensou Delroy. O preto com que estava vestido e agora as luvas. Tudo o que ele precisava era de uma máscara de Ski.

— Ele é um bom corredor, sorriu "Dennis".

Tinha que haver um manual com conversas de vendedores de carros em algum lugar. Talvez fosse parte do teste de cidadania: como fazer conversas de vendas de carros.

# little jack horner

"Dennis" observou-o enquanto olhava o Mondeo de forma abrangente. Os pneus eram razoáveis, apesar de gastos no interno da parte da frente. Os para-choques traseiros tinham levado um tiro e o carro estava listado para a esquerda, as janelas não ventavam, o eixo traseiro estava soldado, as placas da matrícula tinham novos parafusos de ancoragem, havia decapante fresco no bloco do motor e não tinha painéis de instrumentos na porta interior onde o número VIN [número de identificação do veículo] deveria estar; o airbag e o invólucro desapareceram e não se usava uma chave para arrancar.

— Pode ligar o motor? Perguntou Delroy.

"Dennis" segurou os dois fios de ignição e Delroy deu a volta ao carro e ouviu. Houve uma batida vinda dos eixos de comando, e o carburador estava a gaguejar a baixas rotações, mas, para além disso, estava OK. Dando novamente a volta ao carro, Delroy teve que sorrir. Um disco de imposto cor de menta brilhava orgulhosamente no para-brisas, a tinta mal tinha secado. O carro ou era uma cópia barata, estava demasiado danificado, ou provavelmente as duas coisas. Um carro com história. Exatamente o que ele queria. Ele verificou duas vezes os tubos dos travões e os travões. Era um corredor. Não serviria para perseguir os BMW's na rápida M6 para Burnham, mas deveria conseguir um trote constante ao longo das estradas principais, decidiu.

— Um carro muito bom, disse "Dennis", concluindo.

— Posso vê-lo na estrada?

— Claro, eu conduzo, você vê.

O "Dennis" pegou uma lata de combustível de plástico vermelho do banco de trás de outro carro que estava na estrada e derramou algum combustível no tanque do Mondeo. Puxou o carro para fora e dirigiu-o depois pela estrada com um sorriso, até acenou para Delroy enquanto passava por ele. Tinha um som áspero mas ok, pensou Delroy. "Dennis" encostou-o suavemente de volta à berma.

— Tem rádio?

"Dennis" virou o porta-luvas. Havia um rádio com bateria barata lá dentro. Delroy sorriu novamente.

# little jack horner

— Ele é um verdadeiro turbo. Diesel, não se preocupe com a quilometragem.

— Levo por 150. O sinal de papelão pedia duzentos.

— Por favor, eu tenho que ganhar dinheiro.

— 140.

— Você está a roubar-me.

— 130.

— 150. Este negócio é inútil, eu devia ir cavar batatas, reclamou "Dennis", mas Delroy imaginou que 150 significasse um lucro limpo de 100 para "Dennis".

Fecharam o negócio com um aperto de mãos.

— Posso aspirá-lo para si?

— Não, eu levo-o como está. Quanto mais sujo melhor, pensou Delroy. Dessa forma, o departamento forense poderia ou passar um ano a recolher cabelos do banco, lama dos pneus, fibras do porta-bagagens e impressões digitais do cockpit pelo qual metade da população de Wolverhampton terá passado, ou, mais provavelmente, desistiria por ser um desperdício de recursos.

"Dennis" contou o dinheiro com uma palmada em cada nota, como aqueles que gostam da economia em dinheiro. Era o pagamento do mês para o Thin Harry que o "Dennis" estava a contar. Outra coisa surgiria para pagar ao Thin, pensou Delroy; de momento, ele precisava deste carro. Ele baixou-se para entrar no banco do motorista. Dennis apareceu à janela. Ele abriu a porta para ouvi-lo.

— Lembre-se, a agulha está muito baixa se você vai conduzir para longe, disse "Dennis", apontando para o indicador de combustível.

O tipo era inteligente. Delroy deu-lhe mais vinte para encher o Mondeo com Diesel vermelho.

Depois disso, ele encostou os fios. O motor arrancou a gaguejar. No espelho lateral, Delroy viu "Dennis" desaparecer atrás de um cartaz publicitário. Nenhum deles tinha visto o outro antes, nem se teriam conhecido atra-

# little jack horner

vés do Adam se interrogado posteriormente pela polícia, ele tinha a certeza. Arrancou o Mondeo e decolou.



Pequenas cidades dispersas. O calor do seu corpo em breve embaçou as janelas. As janelas laterais estavam ou totalmente para cima ou totalmente para baixo, sem meio-termo. Ele conduzia com a do lado do motorista para baixo e a do passageiro para cima. Uma tempestade de chuva encharcou-o e apagou o para-brisas até que as escovas do para-brisas começaram a desbastar caminho milagroso. Ele tentou manter a direção geral para o norte, usando as estradas principais e secundárias tortuosas. Atravessou uma floresta com árvores enrugadas e irregulares, e depois outra floresta com árvores retas e altas. A chuva estabilizou-se, e tornou-se mais fácil de conduzir, as gotas fundiam-se para formar um lago na tela através da qual ele podia ver sem as erráticas escovas do para-brisas. O medidor de temperatura do radiador estava a subir gradualmente.

Ele atravessou uma cidade. Na estrada, formava-se uma fila de trânsito atrás dele. Estava a conduzir a 40, eles queriam conduzir a 50. Ele acenou para que o ultrapassassem: precisava de chegar a Burnham com o Mondeo ainda a funcionar. Conseguiu buzinas, sinais de dedos quando o ultrapassavam, mas ele não ligou, continuou a cuidar do Mondeo. Colocar as mudanças era o mais complicado por causa da embraiagem desgastada. Mudou para a segunda no primeiro sinal de uma inclinação. Conduzir um carro barulhento era uma brincadeira em comparação com uma discussão. Felizmente, se essa era a palavra correta, ele tinha tido muita experiência com discussões.

Parou à beira da estrada num local para descanso de camionistas para comer um hambúrguer e chá num café roulote e para permitir que o medidor do radiador descesse. O chá deformou o copo de plástico fino e queimou a sua língua. Ele conseguiu regressar a Burnham sem incidentes.

sandro

william

junquei

ra:na ofi

-cinda do

# escritor

Sara Figueiredo Costa



TUDO COMEÇA COM UM VELHO E O SEU GESTO de atirar sementes para a terra. Antes disso, há um buraco, uma «falha no ordenamento do betão», o lugar por onde a vida teima em romper. Assim arranca o novo livro de Sandro William Junqueira, o quarto romance de um autor que tem publicado igualmente contos, teatro e livros para crianças. Sentado à mesa de um café de Lisboa com a *Blimunda*, começou por dizer que não gostava de dar entrevistas, por acreditar que o livro é do leitor e o autor só atrapalha, mas acabou por falar muito sobre este *Quando as Girafas Baixam o Pescoço* (Caminho) e sobre o seu modo de escrever.

No centro da narrativa, um prédio. Diferentes andares guardam as vidas de um conjunto de personagens sem outra relação que não a de vizinhos, mas isso vai-se descobrindo à medida que as páginas passam e outras personagens surgem, porque este é um romance cuja matéria são fragmentos curtos, instantâneos de vidas cujas ligações se estabelecem a partir do que delas se escreve. A escolha não foi premeditada, mas calhou ser o registo fragmentário e não o grande fôlego a determinar a respiração deste romance, talvez por ser fragmentária a única forma possível de abarcarmos o mundo. «Sempre gostei muito da coisa fragmentária, em termos estéticos, e pegando na ideia do grande fôlego, da grande narrativa, a velocidade do mundo e esta voragem toda em que vivemos contrariam um bocado isso. Mas isto é quase instintivo, pensei nisto depois. Quanto mais me afastos dos livros começo a compreender melhor algumas coisas que faço, porque o meu processo criativo é muito instintivo, nunca penso muito sobre o que vou escrever e nunca sei o que vou escrever. Como não tenho um plano e não sou esse narrador de

grande fôlego, vão-me surgindo imagens, ideias, situações, e vou tentando colocá-las no papel. E nunca deito nada fora nessa fase. Posso escrever uma situação qualquer, como a das pessoas presas na gaiola e o pássaro cá fora, depois escrevo outra coisa e não me apercebo de que elas estão relacionadas. Como nunca deito nada fora, nessa fase, a relação pode surgir. O que faço é ir escrevendo até decidir que tenho a matéria bruta do livro e só aí é que começo a deitar fora, a cortar, a perceber como as coisas se encaixam, e às vezes sou surpreendido e isso é uma das coisas de que mais gosto na escrita. O que é curioso é isto: quando não fazes planos, vais fazendo perguntas e não sabes o que vai acontecer. Por exemplo, o Oleg, o cantor de rua, apareceu antes das irmãs, e quando escrevi as irmãs havia uma cujo marido tinha fugido e só nessa altura é que percebi que aquele marido era o Oleg. O Cormac McCarthy diz que acredita que os livros já estão escritos na nossa cabeça e que o que é preciso é encontrar o momento para o puxar cá para fora;

O que faço é ir  
escrevendo até  
decidir que te-  
nho a matéria  
bruta do livro  
e só aí é que

# começo a deitar fora, a cortar, a perceber como as coisas se encaixam.

isso é o que mais gosto neste processo. O meu processo é muito lynchiano: aquilo que vem lá do sítio, seja ele qual for, onde está esta matéria que tu não controlas, eu deixo sair. Só depois é que deito coisas fora.»

O sítio onde nascem os textos será necessariamente inacessível, mesmo que o leitor goste de o imaginar, mesmo que o autor tenha bons indícios da sua localização. *Quando as Girafas Baixam o Pescoço* tem, no entanto, uma vida anterior: «O livro nasce de um texto que tinha escrito há uns anos, um conto que me foi encomendado, chamado *Lote 19*, onde já apareciam algumas das personagens. Na altura, intuí que mais tarde poderia voltar ali, e há um ano tropecei naquilo e voltei à narrativa, que entretanto ganhou este corpo e esta estrutura que agora está no livro. Normalmente, são frases e imagens que persistem e que me vão assaltando, o que faz com que tenha de as escrever. Só mais tarde tudo isso ganha forma e sentido.» Com a conversa a orientar-se para o processo de trabalho do autor, percebe-se que a disciplina calma e metódica que muitos escritores dizem praticar não é prática habitual de Sandro William Junqueira: «Quando estou a escrever é uma espécie de transe. E nessa fase é muito difícil fechar o momento da escrita, porque mesmo quando tenho de parar, o radar está sempre ligado e o envolvimento com o texto e as personagens é constante. Quando entro nesse registo,

sou muito obsessivo e tenho um método que é quase doentio... Imagina que tenho quinze páginas já escritas quando parei. Antes de começar a décima sexta, volto ao início, vou lendo tudo, cortando, tirando, reescrevendo. E isto vai avançando sempre assim, só que quando já tenho cem páginas, as coisas tornam-se mais complicadas. Nessa altura, claro, já estou sempre a pensar naquilo, quase como se estivesse a viver com fantasmas. Geralmente, o que escrevo resulta de coisas em que ando a pensar há algum tempo e quando aquilo tudo acaba, é uma sensação de alívio, sim, mas de alegria, também.»

O modo como o autor fala da escrita deixa perceber uma fisicalidade que se reflete neste romance, à semelhança do que já acontecia nos anteriores. Poder-se-ia procurar uma explicação para esse modo de percecionar o mundo a partir do corpo e dos seus gestos na experiência teatral de Sandro William Junqueira, como ator, primeiro, e como encenador, depois, mas talvez não seja preciso sair da escrita para compreendê-lo. «Escrever também é um ato físico. Vemos a escrita como uma coisa puramente mental, mas não é, é profundamente física. O mais difícil na escrita, para mim, é sentar-me para escrever. Está aqui o mundo, as pessoas de quem gostas, as coisas que gostas de fazer, e é preciso fechar a porta a isso e começar a escrever. Quando escrevo, há dias em que fico exausto, mesmo estando só ali sentado, e essa exaustão é física, também. É uma experiência física, pelo menos no meu caso, e acho que o corpo é muito importante em todos os meus livros, porque é o lugar onde tudo acontece. Mas nós temos esta coisa... o corpo é muito animal, claro, é o que tem as necessidades primárias, os impulsos, e depois há a cabeça que está ali a dizer o que não se pode. Essa luta constante, creio que atravessa os meus livros. No *Magnólia*, um filme de que gosto muito, há aquele miúdo que era um génio e vai a um concurso de televisão. A dada altura, o miúdo tem vontade de ir à casa de banho e, a partir de um certo momento, deixa de conseguir responder às perguntas porque tem esta necessidade. A partir daqui, o corpo ganha sempre. Não vale a pena querer tapar, controlar. Neste livro há esta ligação entre o mundo animal e o mundo urbano. Afastámo-nos da natureza em busca de bem-estar, mas também

para nos afastarmos da imprevisibilidade, que é uma coisa que a natureza é, e sempre com o desejo de controlar a própria natureza. Cimento, betão armado a tapar, distância, mas a natureza nunca saiu daqui, as plantas continuam a rebentar, a abelha entra no nariz de um homem, o chimpanzé consegue mesmo entrar numa das casas...» As referências são todas deste romance, onde o paralelismo entre seres humanos e animais é constante, assumindo-se como metáfora de uma condição que queremos esconder a todo o custo. Como o Homem Desempregado tentando esconder-se da fome entre livros de filosofia e gastronomia, ou a Mulher Gorda, num outro andar do prédio, refugiando a sua tristeza nos documentários sobre a vida animal que a televisão transmite (e onde, aliás, se há de encontrar o título do livro).

Ao contrário do que acontecia em *O Caderno do Algoz*, *Um Piano Para Cavalos Altos* e *No Céu Não Há Limões*, romances anteriores do autor, neste novo romance há personagens com direito a nome próprio, ainda

O Cormac McCarthy diz que acredita que os livros já estão escritos na nossa cabeça e

# que o que é pre- ciso é encon- trar o momen- to para o puxar cá para fora.

que permaneçam as nomeações descritivas – o Homem Que Gostava de Livros, O Velho, a Rapariga Magra... «Nos livros anteriores tentei dar nomes às personagens, mas nunca era aquilo... Neste, há alguns nomes, mas também surgiram sem grandes planos. Um dia o Oleg chamava-se Oleg, e os outros foram aparecendo. E outras personagens ficaram com nomes que são adjetivos. Esta questão de as personagens não terem nome, habitualmente, vinha da minha dificuldade em batizá-las, sim, mas também do facto de o meu território ficcional ter muito poucas referências que possam identificá-lo. Se atribuísse nomes às personagens, estava logo a dar uma bandeira e isso não funcionava. Gosto, nos meus livros, que o leitor não saiba à partida onde é que eles se passam, porque como leitor também não gosto de autores que me dão tudo, gosto de ser obrigado a intervir e a colocar coisas no texto que leio. Há temas e elementos que perpassam os livros todos. Este é mais urbano, mais distópico, talvez mais próximo de uma realidade do dia a dia. Nos outros livros, poderia ser mais difícil entrar, mas a partir do momento em que se entrava, era outro mundo. Gosto disso, de tirar o leitor do sítio onde está, de lhe criar desconforto, porque também gosto de livros que me dão porrada. A escrita deve provocar tremores de

terra, no sujeito e no mundo, ou seja, é preciso que sinta o abalo em nós e na nossa forma de ver o mundo, deslocar o olhar e o pensamento para outro lugar. Se lê um livro e ele não te provoca nada, não te faz mexer o corpo nem a cabeça... gosto que os meus livros sejam capazes de fazer isso, mesmo que não consiga planeá-lo quando estou a escrever.» O desconforto, agora, não nascerá tanto do espaço, reconhecível pela maioria dos leitores como um lugar de muitas proximidades e confluências, nem todas pacíficas, mas antes do modo como esse lugar, um prédio, pode afastar quando parecia agregar: «Esta ideia do prédio, que obviamente já foi feita várias vezes em literatura, nasce muito do facto de eu sempre ter vivido em prédios. Sempre vivi na cidade, com vizinhos por cima, por baixo, ao lado, e ao longo da minha vida fui tendo esta experiência de estar durante anos tão perto de alguém que me é perfeitamente desconhecido, mas ao mesmo tempo os ruídos que saltam da vida daquela pessoa interferem comigo e com os outros vizinhos. Nunca fomos tantos como hoje, em termos de número, nunca vivemos tão perto uns dos outros, e ao mesmo tempo nunca estivemos tão sós. Essa solidão também faz barulho, às vezes, muito. Há uma frase do livro... uma vez estava a escrever, de manhã, em casa, e tinha uns vizinhos que tinham uma relação terrível, aquilo era mesmo complicado, e de repente ouço o homem gritar para a criança «come o iogurte, caralho!». Esta cena ficou-me sempre e acabei por usar essa frase no livro, ainda que noutra contexto, mas acontece-me muito estas coisas aparecerem quando estou a escrever.»

Entre metáforas da vida animal e uma luta surda que opõe a natureza aos seres humanos e, sobretudo, estes entre si, a narrativa de *Quando as Girafas Baixam o Pescoço* parece exercitar a apneia com uma delicadeza extrema, suspendendo vidas momentaneamente para dar conta de outras histórias – essenciais para a construção dessa história maior — e procurando em cada personagem os impulsos que a mantêm viva. «Escrevo porque sou um enigma para mim mesmo, e os outros também são um enigma. E aquela ideia de ser possível colocarmo-nos no lugar do outro, não acho que seja possível.

Mas é possível imaginar, tentar criar a partir daí, procurar uma humanidade, mesmo quando isso é muito difícil.» O medo sentido pela Mulher Gorda e pela Rapariga Magra perante um homem, marido e pai, capaz de múltiplas violências, o desespero do Homem Desempregado, sentindo o estômago vazio e a ameaça de uma apatia capaz de arruinar todos os instintos, a loucura do Profeta, a sedução constante do Adolescente Musculado pelo gatilho de uma caçadeira... «Como escritor, não posso fechar os olhos ao mundo e fingir que as coisas não acontecem. Acho que tenho responsabilidade de responder às porradas que o mundo nos dá. Uma vez perguntaram ao Reinaldo Arenas por que é que ele escrevia e ele disse que escrevia por vingança, para se vingar. Há qualquer coisa de responder ao mundo nisto, tentar conciliar a parte estética com a ética, com as coisas que te perturbam, que tu vês e com as quais te sentes impotente. Escrever, para mim, é responder a isso, a essa violência do mundo, é escrever contra o mal, como se fosse possível. Tirar as cortinas, a patine do refinamento. Temos muito essa tendência, mas as pessoas não são assim tão refinadas.»

A CASA DA ANDRÉA

**O SILÊNCIO  
É O SAL DA  
ESCRITA EM  
CONSTRUÇÃO**

ANDRÉA ZAMORANO

**Sem** o sal os nossos corpos perderiam o balanço eletrolítico e murcharíamos como uma uva passa esquecida num cantinho escuro da sala depois de uma movimentada noite de consoada. Nossas células precisam de sal. O sal ou cloreto de sódio, se quiserem rigor científico, é um importante controlador das substâncias que entram e saem do nosso corpo. O sal aumenta os movimentos peristálticos dos intestinos, contribui para uma boa digestão, facilita a produção de energia, auxilia no funcionamento renal. O sal é vital para a nossa sobrevivência.

Mas para mim, o silêncio não é apenas o sal. É a flor de sal. A fina camada que brota nas salinas, naturalmente aflora, quando as leis da física junto com um vento muito suave convergem num momento onde as condições atmosféricas, a temperatura e a radiação solar elevadas fazem nascer os cristais esbranquiçados, flocos frágeis na superfície da água de um tanque, imitando a espuma do leite no café.

No nordeste do Brasil, em Mossoró, no Rio Grande do Norte, depois da colheita, os flocos ocos vão para um balaio de vime grande. Em Tavira, nas fazendas de sal de Rui Simeão, os homens pescam a flor de sal com uma rede. Nesses dois lugares, o sol é amigo do sal, secando-o ali mesmo, a céu aberto sem lavagens, nem segredos, só delicadeza.

Se por cada quilo de flor de sal produzido são necessários oitenta quilos de sal tradicional, então, para mim, o silêncio é mais. O silêncio é a flor de sal defumada que brota nos pequenos tanques de argila na Normandia. Nas águas francesas, repletas de uma alga única, a flor de sal não é caiada, é rosa e nasce da noite, da variação de temperatura para o dia. Os homens chegam pela alvorada e, antes que tudo se perca, colhem as flores que depois vão ficar esquecidas meses em barris de carvalho, os mesmos barris usados para envelhecer o vinho. Ali, com as madeiras nobres que queimam muito lentamente, a flor de sal perderá para sempre a sua cor pálida, será morena como todos os dias de sol.

Este é o meu silêncio, um produto raríssimo de obter, quase um capricho das mesmas leis da física que fazem nascer a flor de sal. O meu silêncio só é obtido depois de meses em barris de carvalho. Uma raridade que quase nunca acontece na minha vida e que quando existe vem em pitadas avarentas.

Desde sempre a minha vida é povoada de barulho como todas as vidas dos subúrbios. De onde venho, as pessoas gritam umas pelas outras na rua; colocam o alto-falante na janela para elas e o bairro todo apreciarem a mesma canção; até o Senhor Lourenço, quando assiste a missa na televisão, fá-lo num volume discotecário, espalhando as bênçãos indesejadas pelo prédio todo.

A minha vida está cheia das vozes dos meus filhos a percorrerem a casa, dos berros que perguntam onde há cuecas, das portas que batem quando

discutem entre eles, das gargalhadas juvenis a assistirem os vídeos do Vine. A minha escrita é constantemente invadida pelos latidos da minha vira-lata com nome de imperatriz – Teodora – faz um escândalo cada vez que ouve o elevador parar no nosso andar; ou então quando na varanda da sala, avista outro cão a passear-se pelo jardim lá em baixo, em frente à nossa casa. Jardim que Teodora está convencida ser exclusivamente seu, uma espécie de extensão do nosso apartamento e do seu território. A minha vida está repleta com os meus funcionários que me chamam a cada instante com as crises mais imperativas das suas existências. Mas também com os telefonemas dos clientes: querem saber o preço das refeições; perguntam pela mesa mais romântica; se podem levar um bolo de aniversário; se há vagas para jantar. A minha escrita é preenchida pelas interrupções do meu marido, que nunca sabe onde está absolutamente nada, mas é capaz de saber muito bem onde deve estar na minha vida. Se o silêncio é o sal da escrita em construção, desconfio então que o meu processo seja próprio para hipertensos. Não porque prefira um mundo insosso mas porque são assim as paixões: turbulentas e ruidosas.

Adolescentes, marido, filho, filhas, cadela, funcionários, clientes, contas, finanças – como há barulho nas finanças – todo o meu entorno quer demais de mim; talvez seja melhor dizer, quer-me demais. Mas não me importo, é assim o meu silêncio: barulhento e quase sem sal.

Na minha escrita, as dunas brancas de sal que enchem de silêncio a paisagem de Cabo Verde são uma miragem, uma ficção. Quem sabe um dia não

escreva um conto, um poema, talvez só um verso, onde o silêncio pudesse ter acontecido.

Mesmo dentro de mim, ouço as palavras gritando. Clamam pelo meu nome, como se só eu fosse capaz de as libertar do silêncio onde estão presas. Às vezes, escapam-se à socapa, vejo-as a surgirem na voz de um cliente ou de alguém que ia a passar na porta do meu restaurante. Oferecidas, as palavras pavoneiam-se. Ribombam por outras bocas só para captar a minha atenção. Para me seduzir, querem ganhar forma, ali mesmo, à superfície da folha, como a flor de sal na água do mar.

Então sento-me à mesa do restaurante, em frente ao balcão, onde sou capaz de controlar a sala e tudo o resto só com o olhar e entre um cliente, uma conta, um telefonema, uma filha que chama, a cadela que ladra, o marido apressado, um vizinho surdo, um funcionário que esqueci que chegaria atrasado naquela manhã, eu congelo o instante. Suspendo toda a ação à minha volta, faço minhas as palavras sem esperar benevolência nenhuma do silêncio ou pitada de sal, apenas escrevo.



AMIGO DE  
SARAMAGO  
SEJA AMIGO DA  
FUNDAÇÃO  
JOSÉ SARAMAGO  
E DESFRUTE  
DAS VANTAGENS

[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

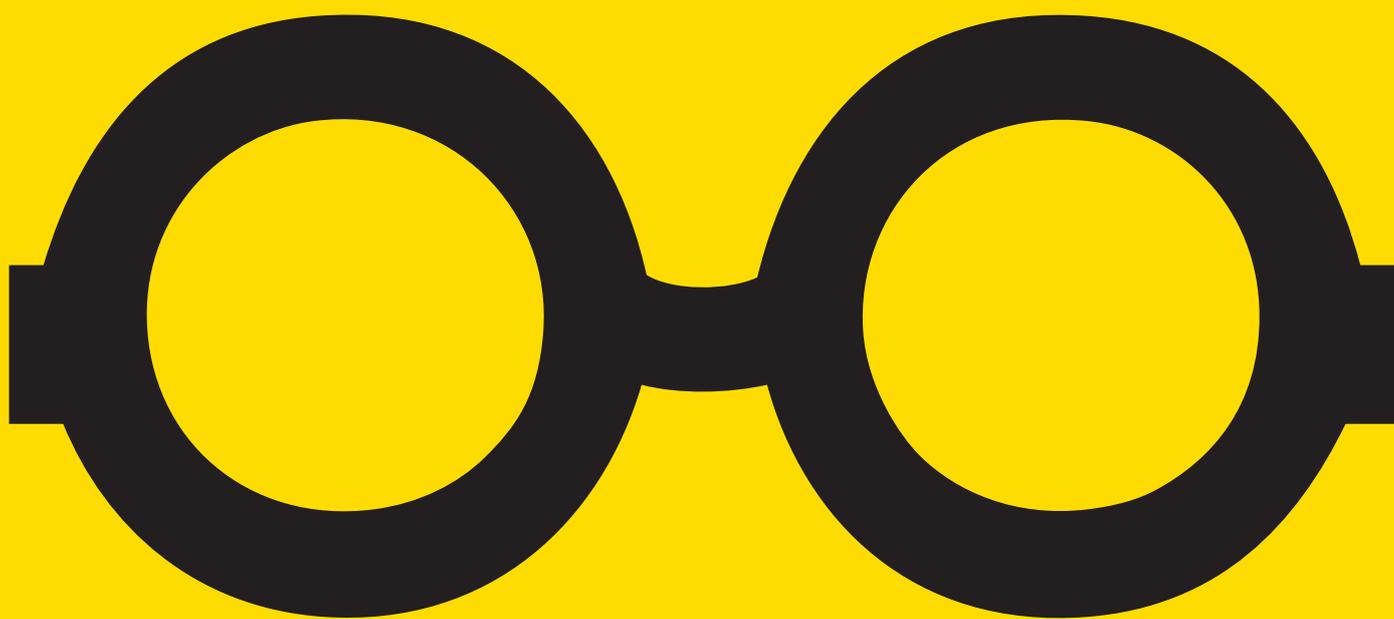
 Fundação  
José Saramago

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoiros, 10, 1100-135 Lisboa  
Tel. (+ 351) 218 802 040  
[www.josesaramago.org](http://www.josesaramago.org)

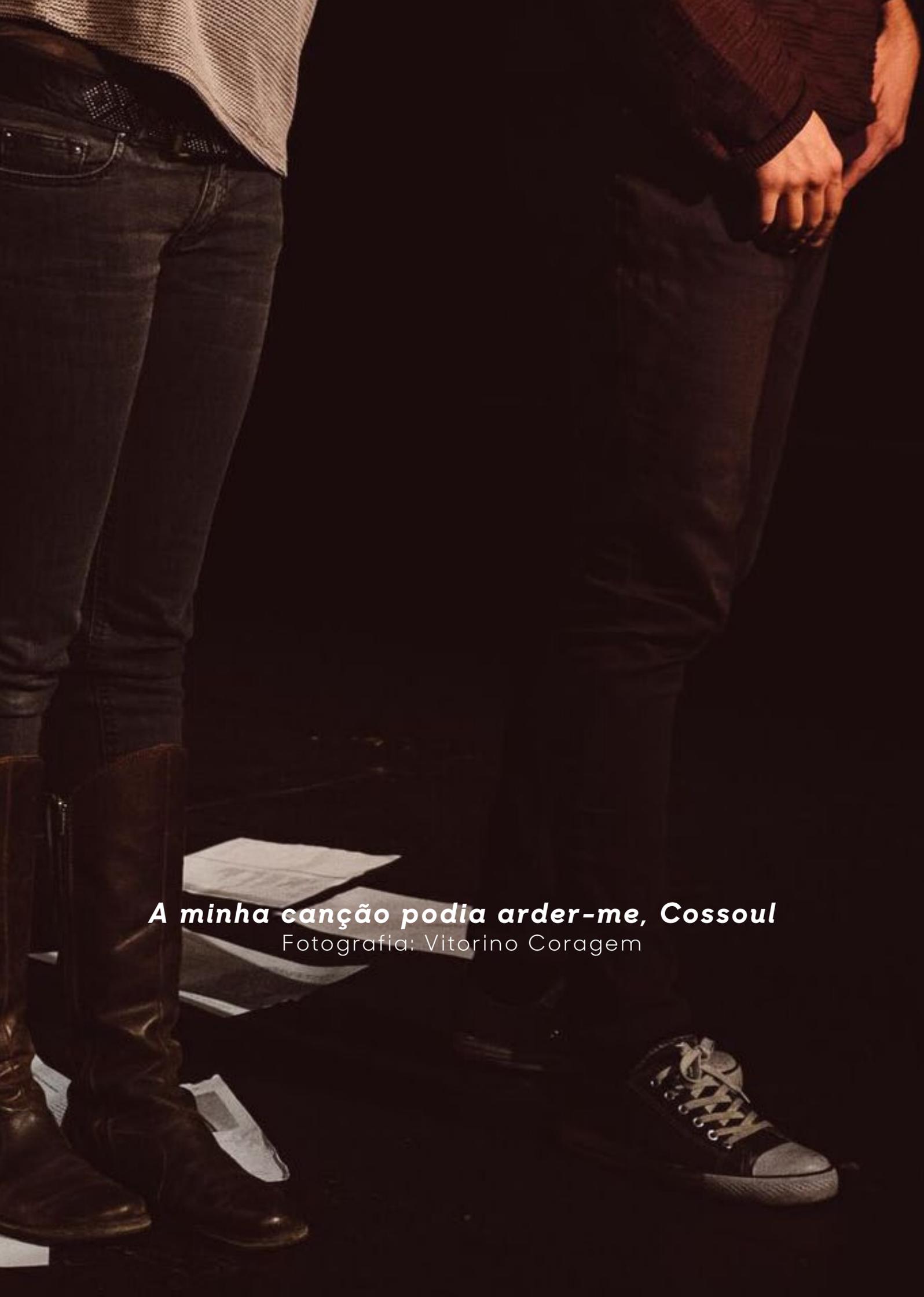


# Dias do Desassossego'17

A *Blimunda* de novembro chega no último dos Dias do Desassossego'17. Dos dias que já passaram ficam as palavras, os sons, as imagens dos que, com a Casa Fernando Pessoa e a Fundação José Saramago, trouxeram para diferentes espaços da cidade de Lisboa os livros, a leitura em diálogo com outras linguagens artísticas. Para os nossos leitores, aqui ficam algumas das imagens que marcaram estas duas semanas.







***A minha canção podia arder-me, Cossoul***  
Fotografia: Vitorino Coragem



## Arte urbana, por Tamara Alves

Fotografia: Galeria Arte Urbana





***A Biblioteca dos Músicos, Filipe Raposo e Filipe Melo***

Fotografia: José Frade / EGEAC

# ***A Biblioteca dos Músicos, Filipe Raposo e Filipe Melo***

Fotografia: José Frade / EGEAC



# ***Cegueira na Tabacaria, B. Leza***

Fotografia: Afrolis

# ***Cegueira na Tabacaria, B. Leza***

Fotografia: Afrolis





***Leitores feitos de livros***

Fotografia: José Frade / EGEAC



***Alma em Pessoa e os outros, Foyer Teatro São Carlos***

Fotografia: José Frade / EGEAC



***Uma máquina voadora movida por vontades***

Fotografia: José Frade / EGEAC



***Alma em Pessoa e os outros, Foyer Teatro São Carlos***

Fotografia: José Frade / EGEAC

**Andreia Brites** entrevista

omada

o



e o meu  
irmão  
invisível

«"A evolução está em simplificar," diz Bruno Munari.  
Foi o que aprendi a fazer este livro»

O *meu irmão invisível* foi o primeiro álbum infantil de Ana Pez. Valeu-lhe o Prémio de Melhor Ilustrador Estrangeiro de Livro Infantil do Festival Amadora BD de 2016. Este ano, a ilustradora madrilena veio ao Festival conversar sobre o livro, editado em 2015 pela Orfeu Negro, e fazer uma visita guiada à exposição de originais, maquetes e esboços deste grande projeto. Foi lá que a *Blimunda* a encontrou para conversar.

**O meu irmão invisível foi o teu projeto final de curso e levou três anos a ficar concluído. Como soubeste que o livro estava acabado?**

Um momento importante é quando os teus editores te dizem que é este o prazo final. Que tem de ir para a gráfica e que não podes atrasar-te mais. Tens de o concluir. A pressão ajuda muito a relativizar as coisas. Também a consciência de que vais sempre poder melhorá-lo mas que é mais importante acabar.

A primeira e a segunda maquete estão expostas numa vitrine central do espaço dedicado a *O meu irmão invisível*. Foi a segunda vez que Ana Pez trabalhou com os editores da L'Agrume, editora francesa que publicou o álbum pela primeira vez. Ficaram entusiasmados com a apresentação que a agência

que a representa fez na Feira de Bolonha e aceitaram o desafio. Apesar de a invisibilidade ainda não funcionar, foi essa a garantia que a ilustradora deu aos seus editores. E conta que a ajudaram bastante com conselhos e coisas que podia melhorar. O que a leva à terceira versão e ao prazo final.

**E quando o viste finalizado, ficaste contente? Era assim que o querias?**

Agora vejo-o e penso que podia estar melhor. Aqui podia mudar algo que resultaria melhor, ali podia ter feito de outra maneira, a minha forma de pensar também mudou... Até o texto, hoje penso que poderia ter contado a história de outra forma que pudesse expressar melhor o que queria contar. Mas é um produto desse momento. Como era eu então? Por isso para mim está bem e continuo orgulhosa do livro.

**Qual é para ti a maior diferença entre a primeira maquete e o livro que conhecemos?**

Sobretudo, sinto-me muito mais madura no final. Conheces a frase: Menos é mais? Pois, no último há uma simplificação gráfica, de imagens, de cores, que dizem muito mais que o primeiro. Esse é uma mistura de muitas técnicas, imagens muito cheias, muito barrocas. Queria misturar vários mundos, onde tanto existem imagens mais abstratas como figurativas. Nessa primeira versão vejo-me com muito mais medo, mais insegura, a desenhar de forma muito mais torpe, mais pretensiosa... E, para além disso, o livro não funcionava. Também porque incluía demasiados elementos. Por isso para mim foi um grande triunfo ter-me dado conta de que podia sacrificar elementos para que o livro saísse melhor.

Durante a visita guiada Ana Pez salienta as diferenças entre as várias fases de experimentação. Detém-se numa versão anterior do que seria, aos olhos da criança escondida, um dinossauro: «esta não funciona de maneira nenhuma, nem com óculos nem sem óculos!» A seguir, uma proposta inicial para as guardas. Ao contrário da geometria atual, expunha-se um mapa

do percurso do irmão na sua caixa e algumas das figuras que observava no caminho. Ana chama a atenção para esta imagem como exemplo das suas angústias naquela altura, em que queria mostrar todas as técnicas, toda a informação gráfica, todo o conteúdo, no livro. A evolução para a geometria representa precisamente essa tomada de consciência de que era preciso limpar, simplificar, escolher. A primeira versão tem várias cores: azul, amarelo, cinzento, preto, laranja. Já a segunda tem apenas três, o azul, o amarelo e o preto. Mesmo assim ainda não estava bem. Numa das paredes observamos três versões do mesmo cenário a tinta da china. São então as ilustrações com cada uma das cores: uma ilustração dos elementos desenhados a azul, outra dos elementos desenhados a laranja e ainda uma outra dos elementos que ficam sobrepostos. Assim, Ana Pez tem a ideia precisa do efeito duplo da página com e sem os óculos e do que se esconde e revela.

**Foi mais fácil escrever a história de *O meu irmão invisível* do que ilustrá-la?**

Tenho muito respeito pela escrita. Narrativamente, sinto-me muito confiante com os desenhos mas com os textos nem tanto. Por isso trabalho sempre primeiro a ilustração e só depois é que lhe ponho o texto. Prefiro pedir a um escritor que o faça, de acordo com a narrativa que criei.

**Mas isso aconteceu com este álbum?**

Mais ou menos. Pedi a um escritor que é meu amigo que o fizesse mas depois dei-me conta de que não estava como queria porque contava demasiado e tirava toda a magia à história.

Perante as várias versões Ana Pez reitera que a história estava totalmente concebida e que ao longo do processo pouco mudou. O irmão invisível era o elemento chave e desde o princípio que a autora tinha presente que os cenários tinham de mudar, para que ele pudesse vivenciar espaços extraordinários. Também o final estava previsto, com a intervenção da irmã que não torna o desfecho moral, trágico ou completamente fechado. Até onde podem

ir cada um deles, um a experimentar e a outra a assistir? O humor também se encontra neste pretense senso-comum da irmã.

**Este é o teu único livro infantil ilustrado e escrito por ti. Tens feito muitos ateliers de pop-up com crianças e adultos. Quer este livro, quer os livros pop-up podem ser vistos como jogos. Há uma relação entre ambos?**

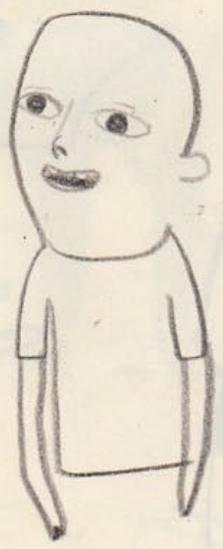
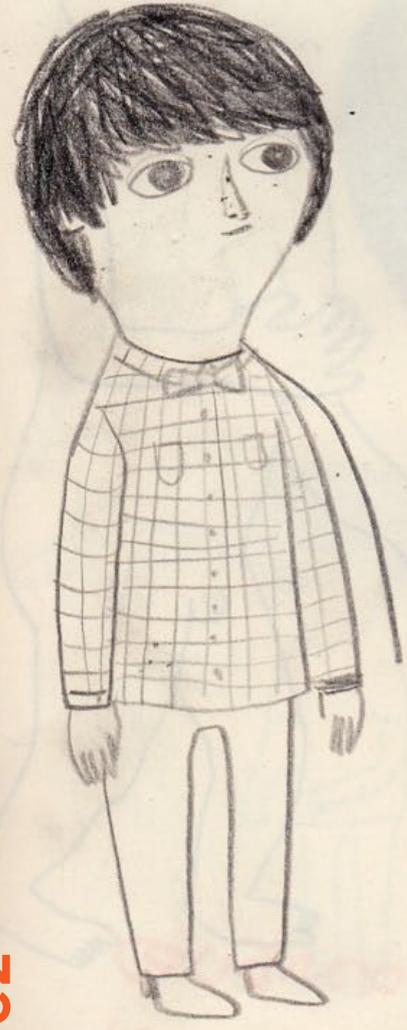
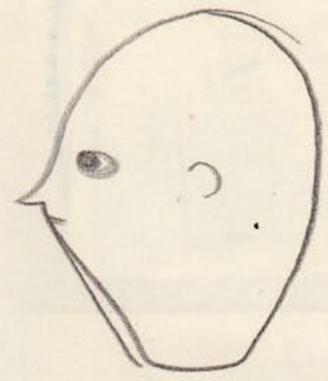
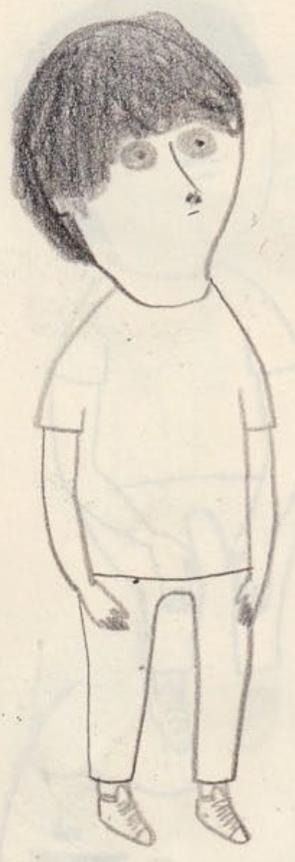
Sim, para mim uma das coisas mais importantes deste livro é que é feito em papel e não funciona de outra maneira. Ou seja, o livro tem de ser um objeto físico que percorres, que manipulas, em que passas as páginas... Quando comecei este projeto experimentei os óculos com as imagens no computador e não funciona porque a tinta luz não funciona da mesma maneira que a tinta impressa. E mesmo que funcionasse não funciona porque a surpresa nunca será tão grande como quando o vês num livro impresso em papel e pões os óculos, olhas, e de repente a imagem desaparece. Há algo de muito rústico e primitivo nessa forma que me recorda um truque de magia. Também é isso que sinto com os livros pop-up. O truque está escondido e é por isso que a magia funciona. No fundo, porém, é algo muito simples que provoca um efeito espetacular e que me sabe pela vida quando alguém abre pela primeira vez o livro e faz Ahhhh!!!!!! Isso para mim é maravilhoso! Para mim é essa a relação, também lúdica, de surpresa, entre ambos.

«Os óculos da invisibilidade», chamou-lhes Ana Pez, estão no processo desde o princípio e os primeiros, que a ilustradora concebeu manualmente para experimentar as combinações de cores e formas, ali estão na vitrine ao lado da primeira maquete do álbum, onde o amarelo quase ocupa o lugar que o laranja tomou definitivamente. Grande parte do tempo que demorou a finalizar o projeto teve que ver com a experimentação de soluções técnicas e gráficas. O lugar para cada elemento, o jogo de sobreposições, a combinação de cores.

Ana Pez

# O meu irmão invisível



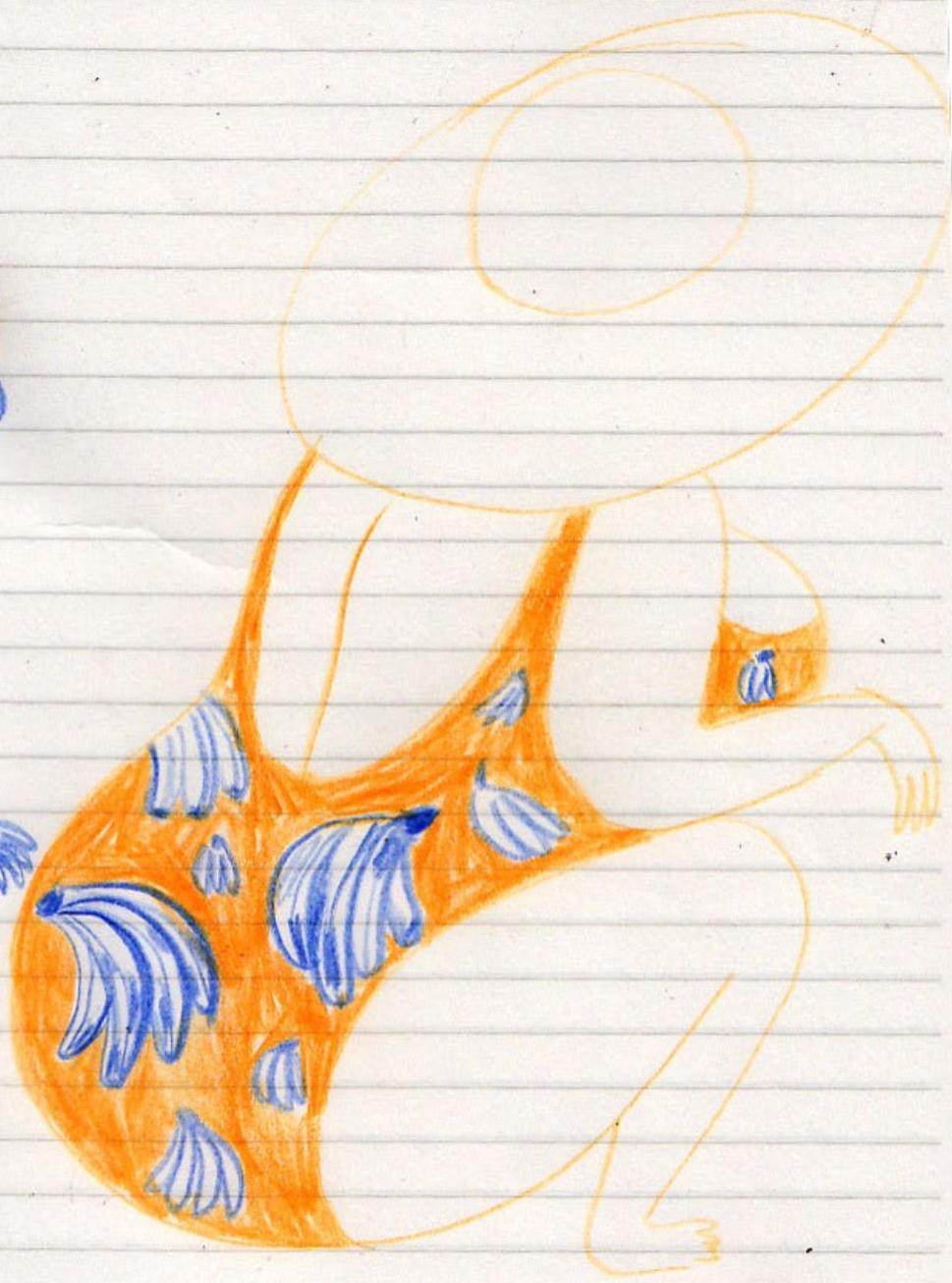


















**Nos próximos livros que escrevas e ilustres sozinha, é possível que a ideia de jogo regresse?**

Uma das coisas em que ando a pensar e já tenho várias ideias, só me falta tempo, é fazer um livro pop-up. Apetece-me continuar a explorar o lúdico mas antes quero fazer outras coisas. Quando acabei este livro, depois de tanto tempo, apeteceu-me fazer um livro normal que conte uma história e em que não tenha de me preocupar tanto com a parte formal e com os detalhes técnicos. Agora queria fazer algo mais rápido, que não levasse tanto tempo a experimentar, a testar.

**O meu irmão *invisível* teve uma menção especial na categoria de Opera Prima, nos Bologna Ragazzi Awards da Feira Internacional do Livro Infantil de Bolonha. É um prémio importante pela visibilidade e legitimação. Sentiste alguma repercussão no interesse pelo teu trabalho?**

Creio que sim. O livro esteve exposto por toda a cidade durante o tempo da Feira e sei que houve gente, nomeadamente editores, que me ficaram a conhecer através do livro e me pediram coisas depois. Também permitiu que me convidassem a participar noutras Feiras e Festivais onde pude conhecer mais pessoas... É um circuito que foi crescendo.

Nos últimos anos a ilustradora que se licenciou em história e já deu aulas de informática a crianças tem cada vez mais trabalho na sua área. Teve ilustrações selecionadas para a Ilustrarte, para o VI Catálogo Iberoamericano de Ilustração, para o Festival Internacional do Livro de Sharjah. Expôs em Bolonha, no México, em Montreuil. Colaborou com uma coleção brasileira, ilustrou o Mito Grego Orfeu e Eurídice para a editora espanhola Edelvives, conta com ilustrações editoriais no *El País*, colaborou com trabalhos em antologias e tributos, fez murais de arte urbana, desenvolve cursos e oficinas de livros pop-up com crianças e adultos, faz rótulos de garrafas...

**Tens algum novo projeto para um livro infantil?**

Tenho várias ideias e inícios de vários projetos mas nenhum está acabado. Livros para crianças vou querer fazer sempre porque a literatura

infantil é, para mim, um dos campos mais interessantes que existem na arte em geral. Quem se dedica a esta área tem noção disso mas creio que para as outras pessoas é uma área subvalorizada e parece-me um absurdo, porque quando pensas em ti, nem precisas de pensar nos teus filhos ou nas crianças que te rodeiam, apenas em ti mesmo quando eras criança e pensas nos livros que mais te marcaram na vida, será difícil que pelo menos um, dois ou três não sejam de quando eras pequeno. Então, se têm importância não apenas para as crianças mas para as pessoas que somos, temos de lhes prestar muita atenção, dar muito carinho e pôr a alma e o coração nisso. A mim interessa-me muito!

**Diz-se que os melhores álbuns são normalmente escritos e ilustrados pela mesma pessoa. Concordas?**

Sim, os meus álbuns preferidos correspondem a esse padrão, são quase todos escritos e ilustrados pela mesma pessoa. Um de que gosto muito é *Onde Vivem os Monstros*, de Maurice Sendak. Também gosto muito dos livros da Kitty Crowther em geral. Parece-me que têm um ponto obscuro e terno que é um equilíbrio muito difícil de encontrar. Para além disso são muito profundos e dizem muitas coisas a vários níveis, nomeadamente aquelas que estão escondidas e que os adultos veem de uma maneira diferente da das crianças, que provavelmente não as conseguem pôr em palavras.

**Já ilustraste livros para crianças, livros para adultos, capas de discos, suplementos literários como o *Babelia*, criaste uma novela gráfica e participaste em intervenções de arte urbana. O que gostavas de experimentar agora?**

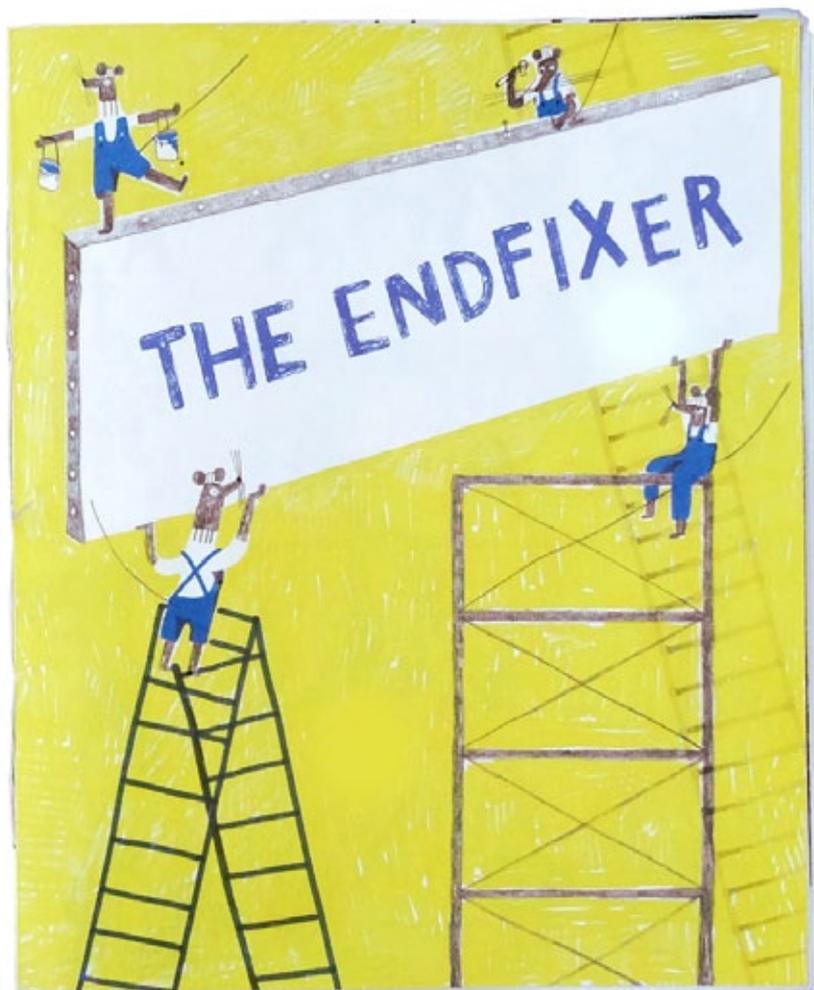
Gostava de continuar a explorar o caminho da arte urbana porque participei dois anos neste festival, MIAU, em Fanzara, uma aldeia no interior perto da costa do Mediterrâneo. Estivemos na aldeia a criar para a aldeia, para a reviver e para que a comunidade se envolva. Os artistas vêm de fora, trabalham de forma gratuita e a associação paga-lhes as viagens e a estadia mas é um festival que não tem dinheiro, as pessoas

que o organizam quase o pagam do seu bolso, têm um pequeno apoio mas o que as move realmente é o amor à arte. Essa experiência é genial porque contactas com uma grande quantidade de gente. A arte urbana é um mundo do qual me sinto um pouco longe porque venho do mundo do livro e descubro que a imagem que tinha dos grafiteiros, de que eram uns duros, não é nada assim. Tratam-te super bem, ajudam-te imenso, aconselham-te a como pintares uma coisa na parede... é genial!

**Nos projetos que já realizaste, reconheces uma identidade?**

Acho que não sou eu quem o pode dizer. Se os vejo todos juntos acho que sim, que têm a ver uns com os outros. Mas não penso nisso de forma consciente. É um pouco o conflito que tive com o estilo quando saí da escola em que achava que tinha o meu estilo super definido e depois percebi que isso era um problema quando desenhava e que era uma parvoíce. Porque o estilo é uma tolice, sabes? Não diz respeito a uma linha gráfica que tenhas, e sim ao que contas, como contas e a partir de que ponto de vista o contas. Por isso acho que nos meus projetos haverá coisas que certamente repito e que são recorrentes porque são minhas de forma inconsciente e não porque tenha uma intenção real de afirmar: "Este é o meu estilo." São coisas que me interessam e como me interessam saiem, estão aí.

and the winner is...



# Noemi Vola

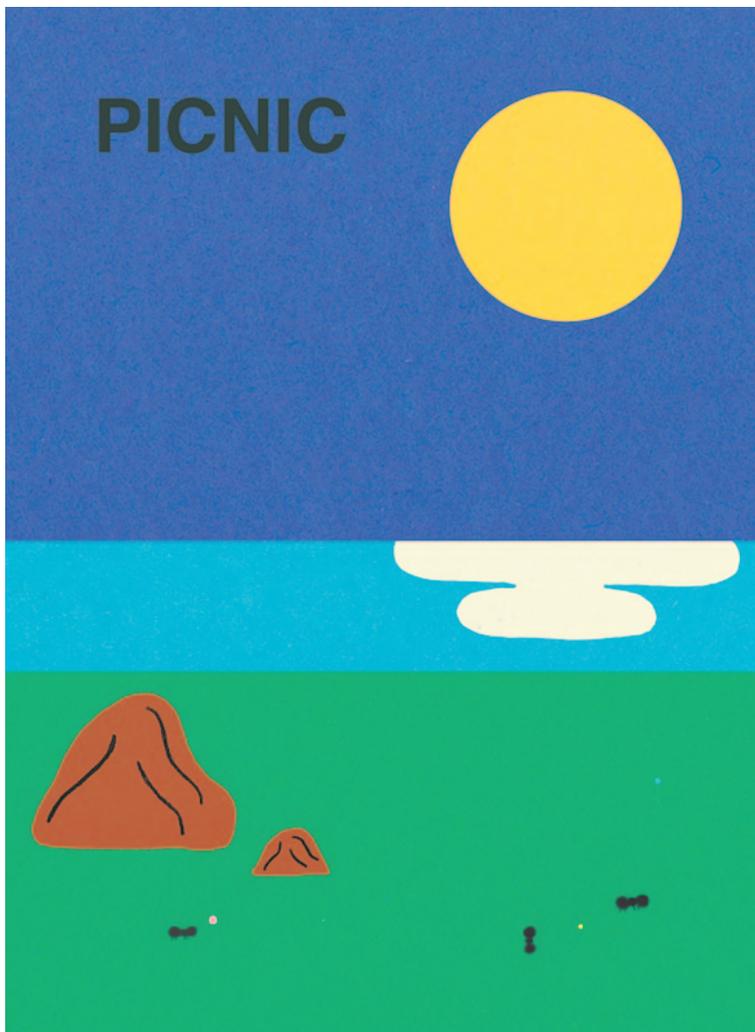
O Prémio Internacional de Álbum Ilustrado Serpa teve como vencedor *The Endfixer*, de Noemi Vola, Itália. O júri salientou a dinâmica entre a ilustração e o texto como ponto forte deste projecto cujo tema se centra numa personagem que deseja alterar os finais das histórias. O projecto será editado pelo Planeta Tangerina em 2018, à imagem do que aconteceu com *Mana*, de Joana Estrela, que venceu a 1ª edição do Prémio. Foram atribuídas três Menções honrosas:



**Guilherme  
Frederico  
Karsten  
*Boleia*  
Brasil**



**Maria  
Ramos  
Bravo  
*Picnic*  
Espanha**



**Yiting Lee  
*An Ideal Zoo*  
Taiwan**



# espelho meu

ANDREIA BRITES

## **O MUSEU DO PENSAMENTO**

**Joana Bértholo  
Pedro Semeano,  
Joana Diniz (ilust.)  
Caminho**



O *Museu do Pensamento* poderá ser lido como introdução ao pensamento filosófico. Questionamento, raciocínio lógico, apresentação de hipóteses, verificação, conclusões.

Mas não é um livro didático ou informativo. O *Museu do Pensamento* é uma arquitetura de ideias, teses, questões, conceitos e narrativas que encontram neste edifício um convívio possível.

Este museu apresenta-se ao leitor-visitante como qualquer outro. O seu primeiro pressuposto reside num pensamento oculto: que o leitor imagine esta outra dimensão e que nela consiga entrar, alheando-se do espaço físico onde está realmente a ler este museu.

O convite que é feito ao visitante, logo no início, é que acompanhe e participe na visita guiada por Miguel, o guia que contará histórias, chamará a atenção para este ou aquele detalhe, interpelará o seu público.

Para além deste narrador que confere verosimilhança à ideia de museu, Joana Bértholo acrescenta um objeto simbólico que serve, ao longo da narrativa, de elemento basilar: o chapéu. O museu do pensamento é constituído por chapéus de todo o tipo, feitio, antiguidade e origem: desde a etimologia ao Panamá há curiosidades e informações a partilhar. Todavia, as suas características não esgotam a validade que cada chapéu tem no museu. Funcionam, isso sim, como repositórios dos pensamentos de quem os usou, alimentando infinitas variáveis de memórias, experiências, apropriações.

Pelos chapéus que são chamados ao centro da visita de tempos a tempos o guia-narrador interpela o visitante-leitor com perguntas em discurso direto que o design reforça com espaços em branco nas páginas cuja tipografia e ilustração se combinam entre o azul e o amarelo. Inevitavelmente, o vazio leva-nos a ter tempo

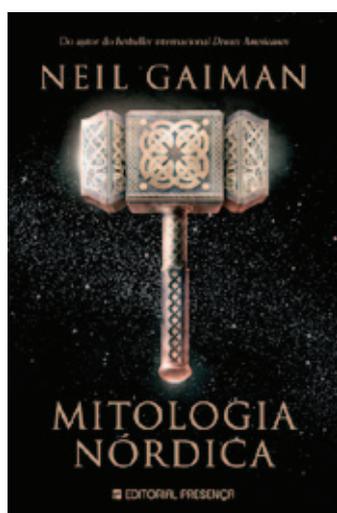
para pensar e tentar responder. É uma ilusão, já que está na mão do leitor continuar ou interromper a leitura. O poder sobre o tempo está na sua decisão. Mas a coerência estética do objeto condiciona a reação. Faz parte do pacto ficcional que promove precisamente o ato de pensar sobre o pensamento.

A imaginação, o paradoxo, o treino mental, a obsessão, a indagação, a consciência, a imaginação, o tempo, a materialidade são alguns dos tópicos abordados, mas sempre intercalados com uma metáfora poética do que significa pensar. Esses separadores recuperam o desafio central e ampliam a teia do que se foi recolhendo nesta visita nada formatada. No final, novamente a página em branco que convida o visitante-leitor a preenchê-la com respostas à questão transversal. A página em branco é mais do que uma síntese, é uma afirmação de infinitas possibilidades, de multiplicação de ideias, de apropriações subjetivas, de conhecimentos e questões dinâmicas, estimuladas também por este percurso em que cada chapéu revela ética, emoções e situações. *O Museu do Pensamento* é futurista, geométrico, moderno e até modernista nas ilustrações. É fraturante e desconstrutivo. É organizado. Mas não se arvora a universalismos. Afinal, o museu está lá, e a cada nova visita cabe ao leitor repensar e recriar o pensamento que é, em suma, impossível de ser travado.



# MITOLOGIA NÓRDICA

Neil Gaiman  
Presença



Neil Gaiman é reconhecido pelo seu universo fantástico, por vezes gótico, por vezes maravilhoso. Irônico, subversivo, poético, tudo cabe num universo paralelo que cruza as linguagens da banda-desenhada com a narrativa juvenil, entre o adulto e o infantil. A família, a distopia e os grandes dilemas do poder fazem parte dos temas centrais que explora, com heróis e anti-heróis, personagens genuinamente boas e ingênuas, outras ardilosas, outras ainda imperfeitamente humanas, na sua ética, nos seus desejos, nos seus dilemas. Mas o que Neil Gaiman faz de forma única é a construção de um universo em cada um dos seus livros. Seja o do mundo alternativo em *Coraline*, ou o contexto de *Deuses Americanos* ou a

Londres dupla de *Neverwhere*, a *Terra do Nada*.

Com este novo livro o autor britânico oferece ao seu público uma das suas primordiais fontes de inspiração. *Mitologia Nórdica* não é uma novela, um conto ou um romance. É uma antologia de recontos de mitos nórdicos que Gaiman recolheu e que, como o próprio explica na introdução, o inspiraram.

Assim, em capítulos breves, começa-se pela cosmogonia, introduzindo o génesis, depois os territórios criados, depois os seus habitantes para então se começar a explorar os elementos mais importantes da genealogia divina, nas suas relações entre si e com outros seres: gigantes, elfos e humanos. À imagem do que acontece na mitologia greco-latina, estes deuses estão longe da perfeição das figuras que lideram as religiões monoteístas. Ao contrário, alimentam os pecadilhos, a violência e os dilemas morais em que os indivíduos se reveem. Mais ainda, os seus poderes garantem-lhes uma impunidade superior à humana, o que faz com que tudo seja levado mais longe. Essa crueza fundadora de culturas e tradições soa surpreendentemente honesta e transparente nas descrições e na

narrativa que se apresenta, mais uma vez em oposição aos textos das religiões com livro, nomeadamente a *Bíblia*. A solução dos conflitos e desejos, mesmo que implique coser a boca de Loki ou que Odin, o pai dos Deuses, se preste a arrancar um dos seus próprios olhos para alcançar a sabedoria, é apresentada e aceite com uma leveza muito distinta do peso do pecado e da culpa.

Gaiman atravessa assim as principais narrativas e figuras da mitologia nórdica, das quais Thor é a mais reconhecível dada a sua presença no panteão dos super-heróis da DC Comics e da Marvel desde a primeira metade do séc. XX. O ritmo escorreito resulta da linearidade narrativa, assente numa lógica temporal e da sucessão da ação. As descrições resumem-se a informações contextuais, como elementos relevantes para a progressão diegética, sejam eles objetos, localizações espaciais ou personagens. Nesse sentido, o escritor segue fiel a um princípio oralizante que quer ver preservado, como assume na introdução. « Essa é a alegria dos mitos. O que se torna divertido é sermos nós a contá-los – algo que vos encorajo encarecidamente a fazer, a vocês que estão a ler este livro. Leiam as histórias aqui contidas e depois tornem-nas vossas e, num serão escuro e gelado de inverno, ou numa noite de verão em que o Sol ainda não se pôs, contem aos vossos amigos o que aconteceu quando o martelo de Thor foi roubado e como é que Odin conseguiu arranjar o hidromel de poesia para os deuses...»

Lisboa e

saramaguiana

a encan

nação d

e um he

César António Molina

terónimo

Editado em Portugal em 1984, o romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, chegou aos leitores da vizinha Espanha já em 1985 - pela editora Seix Barral, numa tradução de Basílio Losada. Foi com esse livro, uma homenagem a Fernando Pessoa e também à cidade de Lisboa, que o nome do futuro Prémio Nobel de Literatura começou a ser conhecido entre os espanhóis. A recepção ao romance foi, desde o início, muito boa. Tanto que a editora catalã apressou-se para, no ano seguinte, publicar a tradução do *Memorial do Convento*. A *Blimunda* deste mês recupera uma crítica publicada no diário *El País* no dia 11 de Agosto de 1985, assinada pelo escritor e crítico literário espanhol César António Molina.



Feira dos Tecidos

30



BIC

rua do ouro



rua dos sapateiros

**Há** poetas, como cidades, que conhecemos há muitos anos e omitimos reiteradamente a sua divulgação, exceto aos amigos mais íntimos, não vá acontecer que, dada a voz de alarme, possam converter-se rapidamente em pasto para o que Barthes denominava de irresponsabilidade ética do turista. No entanto, na maioria dos casos, o descobridor de semelhante tesouro acaba traído pela sua vaidade, pelo seu orgulho de aparente explorador. Não há tesouros sem ele, mas também sem os outros que podem encher-lhe a veia de narcisismo.

Fernando Pessoa foi, durante longo tempo, essa joia, mais ou menos oculta, protegida no nosso país por uns escassos lusófilos. O mesmo acontecia com a sua cidade que percorria, Lisboa; com os seus cafés (A Brasileira, Martinho da Arcada): lugares como o Terreiro do Paço (Praça do Comércio) e o Rossio, que integram a Baixa, mais próxima do Tejo, espaços onde o Marquês de Pombal distribuiu os diferentes ofícios por ruas: Áurea, Prata, Fanqueiros (comerciantes de telas de lã e algodão), Retroseiros. Para lá da rua Augusta, a um lado e no alto, está o Chiado. Por ali desce o nosso poeta, numa fotografia, deixando para trás a livraria Bertrand, deslizando pela rua Garret. Por aquela zona creio recordar a existência de um hotel chamado Borges, apelido, por outro lado, relativamente frequente em Portugal. Precisamente Ricardo Reis vagueia pelo seu labirinto sempre com um livro borgeano, *O Deus do Labirinto*, de Herbert Quain. Uma Lisboa do século XVIII e do século XIX, pois apenas restam vestígios anteriores ao grande terramoto de 1755. Outra Lisboa diferente da que foi admirada por Cervantes ou Tirso de Molina, ou daquela que Felipe II sonhou, unida a Toledo por um Tejo navegável.



rua augusta



rua das correieiros

## Fascinação

# Era

de prever que, mais cedo ou mais tarde, algum escritor português ou estrangeiro se deixaria levar pela fascinação literária desprendida por alguns dos vários heterónimos do autor do *Livro do Desassossego*, para, em torno deles, construir uma história biográfica efabulada. É assim que José Saramago (1922) reconstrói em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* o regresso de Ricardo Reis do Brasil(...) Saramago, conhecendo muito bem a teia vital e literária dos personagens pessoanos, toma-os como motivo para, através deles, reconstruir parte do ambiente da sua própria juventude. Na realidade, como também acontece com a maioria da obra do extraordinário poeta luso, o protagonista central, ou co-protagonista, é a cidade. Esta cidade e não outra qualquer.

Ricardo Reis é, com Álvaro de Campos (o único que chegou a conhecer pessoalmente Pessoa) e Alberto Caeiro, um dos heterónimos mais conhecidos. O seu nascimento remonta ao ano de 1889, e a sua emigração para o Brasil, como médico, ocorre em 1919. O seu criador definia-o como «latinista por educação alheia e semi-helenista por educação própria». Ricardo Reis é um fatalista, «só na ilusão da liberdade / a liberdade existe». Oscila constantemente entre duas opções contraditórias, reduz ao mínimo os desejos e esperanças, «o ser feliz oprime / porque é um certo estado», mas ao mesmo tempo quer penetrar além da aparência imediata. Por que Ricardo Reis, em vez de qualquer outro heterónimo, como personagem deste romance?

Talvez os seus escassos dados biográficos o convertam em algo mais enigmático e mais rico de romancear. Em primeiro lugar, não havia sido dado como morto, e além disso esteve ausente do país por várias décadas.



rua da prata



rua dos douradores

A sua profissão de médico, por outro lado, dava um ar de ceticismo ao seu carácter, ratificado por meio da sua poesia. Essa sensação de ausência, de alienação com as coisas do mundo, com as pessoas, essa forma de não estar na urbe, coincide com muitos dos pressupostos vitais de hoje.

Na sua vida, nem sequer o amor chega a cumprir-se. Lídia, citada nos seus poemas – «Temo, Lídia, o destino. Nada é certo» –, é uma criada do Hotel Bragança com quem mantém umas relações alheias a qualquer tipo de afeto. Ela é um laço de união entre a atividade do mundo e a não ação de Reis. Este sentimento do tempo relacionava-o ao mesmo tempo com o próprio Pessoa, imagem última por trás da qual vai o romancista com muita cautela.

### Sem norte

# Como

afirma Saramago numa entrevista concedida a Francisco Vale e publicada nesse magnífico semanário cultural e literário lisboeta, *Jornal de letras, artes e ideias*, «nada é verdade e mentira nesta obra». Não é verdade que Reis existiu, mas certamente, se tivesse vivido, teria sido assim. O livro deixa o leitor sem um verdadeiro ponto de apoio, porque o que se pretende criar é uma sensação de desnorte, o mesmo que guia o personagem. Saramago sente a necessidade de converter o real em imaginário, e vice versa. Pretende fazer desaparecer a fronteira entre um e outro conceito. Sempre se pode distinguir um do outro, mas não é tão fácil manter esse estado de fusão entre ambos. «Desejo que o leitor, sabendo que uma coisa é fantástica, a enfrente como real. Não é o fantástico pelo fantástico, senão o fantástico enquanto elemento do mesmo real e integrando-se nele. Não se trata de uma complacência minha pelo fantástico, senão uma maneira de o converter em mais rico, mais denso, mais frondoso ou real».



rua dos fanqueiros

Reis também se encontra com Marcenda, outro ser das *Odes*. Vagueia por Lisboa e observa a realidade com ironia e distanciamento. Inclusive chega a fazer uma viagem a Fátima, o que lhe servirá para ratificar sua postura de mero *voyeur*. Páginas estas divertidas e cruéis, resumidas num grito unânime da multidão: «Cristo é Portugal.» Saramago, utilizando as próprias crenças ocultistas de Pessoa, faz com que ele apareça e desapareça entre o mundo dos mortos e dos vivos. Reis, que não termina a leitura de *The god of the labyrinth*, como não acaba nada nesses nove meses, pensa que do outro lado terá mais tempo para os livros. «Equivoca-se», diz-lhe Pessoa, «a leitura é a primeira virtude que se perde com a morte». Mas, realmente, Ricardo Reis morre? Pode morrer alguém que não existiu?

*O Ano da Morte de Ricardo Reis* é o romance de uma cidade. A voz de uma cidade penetra na do próprio protagonista. E o que acontece? Nada. Absolutamente nada. Não há uma trama, uma aventura, só há incidentes. Barthes definia-os como «o que cai docemente como uma folha sobre o tapete da vida, essa leve dobra, fugitiva, acrescentada à trama dos dias, é o que pode apenas ser notado».

**O** romance de Saramago é, como *A Morte de Virgílio*, um longo poema pelo qual desliza sabiamente uma multidão e os versos do seu protagonista. Guarda bastante semelhança intencional com a obra de Broch. Ambas são abertas com um regresso e fechadas com uma partida; também coincidem com graves momentos de crise de identidade: a do escritor austríaco depois da segunda grande guerra, a do português, depois de outras civis e coloniais não menos transcendentais.

# Um euro.

## Casa Fernando Pessoa Fundação José Saramago

Bilhetes de 1€ na segunda Casa de Autor  
mediante apresentação do bilhete de entrada  
na primeira Casa visitada. O desconto  
tem a validade de 10 dias.

10  
ANOS  
YEARS  
AÑOS



Fundação  
José Saramago

Casa dos Bicos  
Rua dos Bacalhoeiros, 10  
Tel. +351 218 802 040  
josesaramago.org



Casa  
Fernando  
Pessoa

Rua Coelho da Rocha, 16  
Campo de Ourique  
Tel. +351 213 913 270  
casafernandopessoa.pt



Que boas estrelas estarão cobrindo  
os céus de Lanzarote?

# A Casa José Saramago

Aberta de segunda a sábado, das 10 às 14h. Última visita às 13h30.  
Abierto de lunes a sábado de 10 a 14h. Última visita a las 13h30 h.  
Open from monday to saturday, from 10 am to 14 pm.  
Last entrance at 13.30pm.

Tías-Lanzarote – Ilhas Canárias, Islas Canarias, Canary Islands  
[www.acasajosaramago.com](http://www.acasajosaramago.com)



# novembro



## **ATÉ 3 DEZ** *Un día cualquiera*

Exposição de trabalhos do fotojornalista Manu Brabo, acompanhando cenários de guerra em vários países do Médio Oriente no início deste século XXI. Madrid, La Neomudéjar.



## **ATÉ 17 DEZ** *Devíamos Ter Parado*

Um espetáculo que mergulha no percurso artístico do Teatro Meridional, cruzando memória, balanço e futuro nos 25 anos de vida da companhia. Lisboa, Teatro Meridional.



## **ATÉ 14 JAN** *Lu Nan. Trilogia, Fotografias (1989-2004)*

Exposição do fotógrafo chinês Lu Nan, cujas imagens são marcadas por um realismo intenso, numa China que parece já não ser a do presente, mas onde se vislumbram os sinais de uma mudança em curso acelerado. Lisboa, Museu Berardo.



# novembro

## **ATÉ 28 JAN** *Miguel Rio Branco*

Os trabalhos fotográficos e de instalação de Miguel Rio Branco ocuparão todas as galerias da Oi Futuro, no Rio de Janeiro, criando uma retrospectiva da obra deste artista espalhada por diferentes lugares. Rio de Janeiro, Oi Futuro/Rua Dois de dezembro.

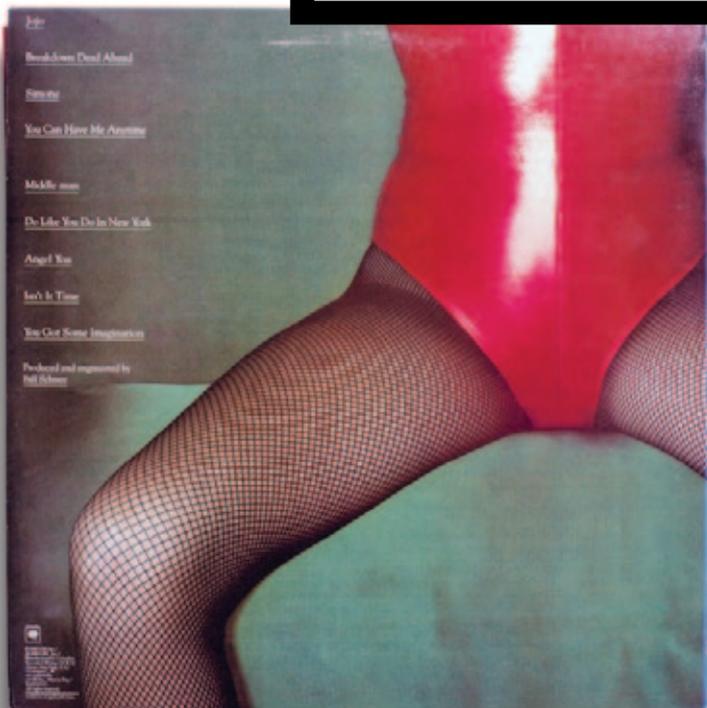


## **ATÉ 11 FEV** *Primeira Vista*

Com o subtítulo «álbuns de artista na coleção da Fundação de Serralves», esta exposição dá a conhecer uma seleção dos álbuns e portefólios de artista reunidos entre 1990 e 2014. Porto, Museu de Serralves.



# novembro



## **ATÉ 11 MAR** *Total Records. Vinils i fotografia*

Exposição que percorre a história musical e fotográfica do século XX a partir das capas de discos de vinil, muitas delas com assinatura de artistas e fotógrafos consagrados. Barcelona, Foto Colectania.



## **30 NOV A 9 DEZ** *FINTA*

III edição do Festival Internacional de Teatro ACERT, que leva a Tondela companhias teatrais e outros grupos artísticos de vários pontos de Portugal e do mundo. Tondela, ACERT.



## **1 DEZ** *Oopart*

Espectáculo da companhia andaluza Tresperté, com uma viagem no tempo a servir de mote para refletir sobre a especulação, a demagogia e o exercício do poder. Santiago de Compostela, Auditorio de Galiza.



*Ricardo Reis espanta-se por não reconhecer em si nenhum sentimento, talvez isto é que seja o destino, sabermos o que vai acontecer, sabermos que não há nada que o possa evitar, e ficarmos quietos, olhando, como puros observadores do espectáculo do mundo, ao tempo que imaginamos que este será também o nosso último olhar, porque com o mesmo mundo acabaremos.*

# José Saramago

*O Ano da Morte de Ricardo Reis*